



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**EMANCIPAÇÃO DO PSIQUISMO E DAS INSTITUIÇÕES:
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE A TEORIA PSICOPOLÍTICA,
A ESCOLA DIRAQUEANA E A FILOSOFIA IKEDA**

JUSSIMAR DE VASCONCELOS REIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Dr. Evandro Vieira Ouriques

RIO DE JANEIRO

2019

**EMANCIPAÇÃO DO PSIQUISMO E DAS INSTITUIÇÕES:
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE A TEORIA PSICOPOLÍTICA,
A ESCOLA DIRAQUEANA E A FILOSOFIA IKEDA**

JUSSIMAR DE VASCONCELOS REIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada por

Prof. Dr. Evandro Vieira Ouriques, UFRJ (Orientador)

Prof. Dr. José Abdalla Helayël-Neto, CBPF

Prof. Dra. Maira Monteiro Fróes, UFRJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, de forma plasmada, aos meus filhos **Gabriel** e **Raphael** e a minha preciosa filha **Raquel**, pelo amor, apoio e companheirismo nos momentos de desafios hercúleos. Aos Mestres, **Evandro Vieira Ouriques**, **José Helayël-Neto** e **Maira Fróes** que se dedicaram incondicionalmente para minha formação. A minha mãe, **Terezinha**, que preparava pratos para me alimentar, durante as longas jornadas. Aos amigos, que me acompanharam nesta caminhada. E aos meus mentores da vida, **Daisaku Ikeda**, **Walcker Vasconcelos**, **Lourdes Aleixo** e **Maria de Nazareth da Fonseca Solino** (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Eu sou grata.

Eu sou grata ao corpo docente que desde sempre me incentivou a ingressar nesta odisseia! **Eu sou grata** a Prof.^a **Regina Dantas** por todo apoio, carinho e amizade, mesmo quando eu ainda era apenas uma ouvinte. Aos mestres que me aceitaram em suas disciplinas, mesmo sem uma vida acadêmica sólida, e apostaram na minha capacidade de apreender os conteúdos, os professores **Henrique Cukierman, Arthur Arruda Leal, Clara de Góes e Carlos Koehler** (e toda Turma 2017.1). À professora **Nadja Paraense e Rudhstein Nader** que me convenceram a não voltar à Grécia, para iniciar minha pesquisa (risos). As inesquecíveis brigas com o meu “Malvado Favorito” professor **Alexandre Lyra**. Ao Mestre **Antonio Borges** por me apresentar e incluir em seu mundo tecnologicamente assistivo. A cada sorriso, cafezinho e abraços que recebi pelos corredores destas pessoas tão generosas que me acolheram, professores **Eduardo Nazareth, Leticia Galuzzi, Maria Malta, Ricardo Kubrusly e José Carlos**. Ao coordenador **Mércio Gomes** que confiou a mim a responsabilidade de Mestre de Cerimônia, assim como durante todo o processo de produção, do Congresso Scientiarum X.

Eu sou grata às saudosas **Mariah e Gabriela** da Secretaria, e, agora, ao **Robson Borralho** por dar continuidade a esta relação de amor com o Programa.

Eu sou grata aos intermináveis diálogos com pessoas que tiveram papéis especiais em diferentes momentos: **Marcelo Bichara, Marcelo Santos, André Morelli, Laine Spíndola, Wagner Bione, Dandara Dantas, Estelita Ouriques, Carla Ivantes, Adelaide Barbosa, Monique Bezerra, Prof.^a Virgínia Chaintin, Fernanda Arcanjo, Daniel Maia, Dorival Rodrigues, Maria Cristina, Lúcia Helena, Thiago Costa, Thiago Ladislau**, minha prima **Norma Fehr**,

Eu sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar meus estudos. 

Eu sou grata a toda equipe **NCE** pelo suporte tecnológico e pelos laços de amizade construídos ao longo destes dois anos.

Eu sou grata à Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI) por me prover com literatura, diálogos e cursos para sustentar minha visão da filosofia de **Daisaku Ikeda**. Ao ex-funcionário **Alesse Nunes** pelo longo diálogo nas instalações da **BSGI/SP**.

Eu sou grata à Universidade Federal do Rio de Janeiro (**UFRJ**), em especial ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (**HCTE**), que me permitiu esta costura epistêmica transdisciplinar.

Eu sou grata à Dádiva da Vida. Sem este *sopro*, nada disso teria sido conquistado.

Eu sou grata.

“A paz humana, assim como a felicidade de cada um, não é uma vantagem repentina que se conquista e se mantém para sempre. É um valoroso dever conquistado com persistência. É a junção da paz do mundo com a paz de cada um. Não adianta destruir uma fábrica de munições deixando na Terra um coração inquieto e feroz. As armas não nascem por si, representam materialmente os anseios e os sonhos dos homens”.

Daisaku Ikeda

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar como o conceito de *emancipação*, entendido pela Teoria Psicopolítica, está presente na própria Teoria Psicopolítica, no mundo quântico da Escola Diraquena e na filosofia de Daisaku Ikeda. Pontos de convergência, e a possibilidade de identificar eixos atratores entre as escolas, em exame foram detectados, fortalecendo a possibilidade de existir uma potência *emancipatória* simétrica. Trata-se de um estudo comparado que procurou não somente esclarecer de que maneira elas poderiam se combinar, como também contribuir para o processo de *emancipação* do sujeito (redes de psiquismos) face aos regimes de servidão. Numa análise superficial, elas se apresentaram promissoras quanto à possibilidade de se encontrar paralelos relevantes, apesar das dificuldades que se apontavam devido às linguagens serem distintas. Sendo assim, a pesquisa buscou elementos que potencialmente apontassem para este paralelismo, colocando em diálogo um pensamento que apoia sua narrativa numa filosofia oriunda do Japão e um legado *hard Science* que quebrou paradigmas na Europa, moderado por uma nova teoria social. Entre muitos pontos observados, a ressonância dos conceitos entre os três sistemas de pensamento foi o que capturou mais a minha atenção, pois apesar de levarem nomes diferentes, são operações mentais e que se utilizam da mesma metodologia da *Gestão Mental*, para a ocupação em rede do próprio território mental.

Palavras-chave: Emancipação; Teoria Psicopolítica; Escola Diraquena; Filosofia Ikeda.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate how the concept of *emancipation*, as understood by the Psychopolitical Theory, is presented in the Psychopolitical Theory itself, in the quantum world of the Diraquena School and in the philosophy of Daisaku Ikeda. Points of convergence and the possibility of identifying attractor axes between the schools under examination were detected, strengthening the possibility of a symmetrical *emancipatory* potency. It is a comparative study that sought not only to clarify how they could combine, but also to contribute to the process of *emancipation* of the subject (networks of psychisms) in relation to the servitude regimes. In a superficial analysis, they were promising as to the possibility of finding relevant parallels and that they would hardly be related, because their languages are distinct. Thus, the research sought elements that could potentially point to this parallelism, putting into dialogue a thought that supports its narrative in a philosophy originating in Japan and a legacy *hard Science* that broke paradigms in Europe, moderated by a New social theory. Among many points observed, the resonance of the concepts between the three systems of thought was what captured our attention the most, because despite taking different names, they are mental operations and that use the same methodology of *Mental Management* for the Network occupation of the mental territory itself.

Key Words: Emancipation; Psychopolitical Theory; Dirac's School; Ikeda's Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

p. 8

Capítulo 1

A EMANCIPAÇÃO NA TEORIA PSICOPOLÍTICA

p. 16

Capítulo 2

A EMANCIPAÇÃO NA ESCOLA DIRAQUEANA

p. 32

Capítulo 3

A EMANCIPAÇÃO NA FILOSOFIA IKEDA

p. 47

DISCUSSÃO

p. 52

CONCLUSÃO

p.

BIBLIOGRAFIA

p.

INTRODUÇÃO

Verificamos que o conceito **Emancipação** apresenta uma diversidade de sentidos que lhe atribuídos o torna polissêmico, multidimensional e complexo. Um exemplo é o entendimento de um célebre educador brasileiro, Paulo Freire (1921-1997). Para ele, a emancipação ocorre na educação, visando o empoderamento do sujeito, uma vez que na “teoria sócio-política-educativa freireana (...) as grandes questões matriciais são eminentemente sociais e políticas e, portanto, a necessidade de se compreender a inseparabilidade da educação-política” (BAQUERO, 2012:183):

“O conceito emancipação, que encontramos em bases filosóficas importantes dentro das teorias críticas da educação e sociedade, que vão desde Kant, Marx, os pensadores frankfurtianos da primeira geração, no caso Adorno e Horkheimer e os frankfurtianos da segunda geração, como Habermas, por exemplo, tem interpretações diferentes deste conceito” (DUARTE, 2012:11).

Qual é, então, a origem da palavra emancipação? Seria emancipação um sinônimo para *empowerment* (empoderamento), como referido? A que emancipação, exatamente, a presente investigação se refere? E quais são as vias de emancipação efetiva dentro dos enquadramentos teóricos aqui em estudo comparativo?

Na contemporaneidade, o verbo “emancipar” tem o significado comum de “tornar livre, independente” (HOUAISS, 2001) e a palavra *empowerment*, que surgiu em decorrência do nascimento da psicologia comunitária na conferência de Swampscott realizada em 1965 em Boston (MUSITU; BUELGA, 2004), e cuja constituição formal foi feita por Julian Rappaport (RAPPAPORT, 1984) quase duas décadas depois justamente com a *Teoria do Empowerment*, tornou-se conhecida em português, como “empoderamento”, pelo uso freiriano. Em resumo, trata-se, também em Freire, de possibilitar aos sujeitos meios de terem controle sobre os fatores que afetam suas vidas. Para isso, Freire centrou-se na educação.

O controle sobre os fatores que afetam a vida dos sujeitos, e, sobretudo como exercer este controle¹, é o tema desta pesquisa transdisciplinar, focada no compromisso central da Teoria Psicopolítica² com a emancipação, nos níveis ontológico, epistemológico, teórico, metodológico e experiencial, e como o entendimento dela nesta teoria, que emerge no Brasil

¹ Exemplo de "controle contínuo dos estados mentais": “O que eu estou sentindo?”, “Como eu faço o mundo falar favorável a mim?”, “O que ela(s)/ele(s) está sentindo?”

² Todas as referências listadas na Bibliografia: 1992, 2001, 2002, 2006, 2007, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b, 2011, 2012a, 2012b, 2012c, 2013, 2014, 2015, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b.

como renovação da teoria social e da filosofia a partir de 2004³, conflui com o pensamento de Paul Dirac e de Daisaku Ikeda.

“A novidade da abordagem transdisciplinar proposta (...) [pela] Teoria Psicopolítica é compreender, ao contrário do que fazem as demais abordagens da psicopolítica, que se as formações sociais não se reproduzem por si mesmas pois contam com a participação ativa de todos nós, os atores, os agentes, os sujeitos, a emancipação frente aos regimes de servidão ocorre pela via psicopolítica. Essa participação ativa interliga de forma dinâmica territórios sociais e territórios mentais, um agindo sobre o outro, criando predisposições para formas de pensar, sentir e agir que produzem opressão e emancipação em cadeia, opressão e emancipação entre nós todos. Somos carrascos e vítimas de um mesmo processo, cuja territorialidade na mente reflui para manter a objetividade do mundo social em perigosa partida com o inferno de nós mesmos -para lembrar de uma imagem sábia de Jean-Paul Sartre. Se a morada do ser é a linguagem, como nos ensinou Heidegger, então a nossa morada está a exigir uma profunda visada no que está acontecendo com nós mesmos e com o mundo à nossa volta” (MISSE, 2017a).

Em vista disso, uma vez que o objetivo aqui não é uma revisão geral da multiplicidade de usos do conceito emancipação, mas situá-lo a partir da Teoria Psicopolítica, ter presente que etimologicamente ele deriva de *ex manus capere* é muito importante:

“Na antiguidade romana, um senhor podia *emancipare* (libertar) um escravo. A palavra era composta pelo prefixo *ex* (indicando a ideia de ‘saída’ ou de ‘retirada’), pelo substantivo *manus* (‘mão’, simbolizando poder) e pelo verbo *capere* (‘agarrar’, ‘pegar’). Emancipar é ‘retirar a mão que agarra’, é abrir mão do poder sobre alguém. E emancipar-se será, portanto, dizer a quem nos oprime: ‘tire a sua mão de cima de mim!’”⁴

³ Processo iniciado em 1969, e é crescentemente reconhecida a nível latino-americano e europeu (hoje sistematizada em rede internacional articulada a partir da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidad de La Frontera, Chile, da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, da Universidade do Porto, Portugal, e da Universidade de Groningen, Holanda - Top 110 University). Na Universidade Federal do Rio de Janeiro a Teoria Psicopolítica foi criada e é sustentada pelo Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Teoria Psicopolítica e Consciência/Escola de Comunicação/Centro de Ciências Humanas e Filosofia-CFCH, fundado em dezembro de 1984, de acordo com a Portaria Nº 11 de 28 de Dezembro de 1989, do então diretor da ECO, Prof. Muniz Sodré, e do Laboratório de Gestão Mental, Psiquismo e Instituições-LabMind/Laboratório de Métodos Avançados Epistemologia-LAMAE/Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais-NCE/ Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza-CCMN, criado a convite da Profa. Maira Frões.

⁴ Cf. Gabriel Perissé: <http://palavrareorigens.blogspot.com/2012/04/tire-mao-da-minha-emancipacao.html>. Acesso em 26/12/2018.

Este processo do sujeito retirar “a mão de um outro” sobre si é o que nos interessa aqui. Neste sentido de identificar esta “constituição”⁵, vale voltar a um livro especialmente clássico do alemão Karl Heinrich Marx (1818-1883) neste tema, o *Sobre a questão Judaica*, escrito no outono de 1843, sobretudo quando se está tratando da **emancipação psicopolítica** em sua relação com a emancipação em sua relação, reiteramos, com os pensamentos de Dirac e Ikeda.

Sob uma perspectiva mais política do conceito, neste livro, Karl Marx demonstra a distinção entre emancipação política, vale dizer, a concessão de direitos e liberdades liberais⁶, e a emancipação humana. Para ele, a emancipação política não é apenas insuficiente para gerar a emancipação humana, como uma barreira para que a emancipação humana ocorra, pois os direitos liberais e suas ideias de justiça (sem dúvida uma imensa melhoria frente aos sistemas do feudalismo e dos preconceitos religiosos que existiam na Alemanha em que viveu) são direitos de separação, uma vez que partem do *axioma hobbesiano*.

Efetivamente, a teoria hobbesiana defende que cada ser humano precisaria de proteção contra os outros seres humanos, já que eles, sublinha a Teoria Psicopolítica, seriam incapazes de controlar sua agressividade e agirem em nome de interesses prejudiciais aos outros; configurando assim o “outro” como uma ameaça à liberdade e à segurança; configurando o “outro” como possibilidade ameaçadora de interferir a qualquer momento, o que demandaria proteger-se “dele” - gerando o isolamento dos sujeitos uns em relações aos outros.

Vejamos como se configurou, em rápidas palavras, o axioma hobbesiano, desdobramento do platonismo de acordo com a Teoria Psicopolítica. A fim de fundar uma ciência que representasse os aspectos fundamentais e formais que garantissem a aplicação de seu modelo para todas as ocorrências contingentes (NODARI, 2011:107), o teórico político e filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) escreveu seu angular livro *Leviatã ou Matéria, Palavra e Poder de um Governo Eclesiástico e Civil*, publicado em 1651, sobre a estrutura da sociedade e do governo legítimo, tratando da gênese do Estado e de um contrato social, o que de fato acaba sendo aceito socialmente.

⁵ Como ocorre a *constituição* desta “mão” e de quem é este “outro” que a tem sobre o sujeito, oprimindo, no sentido de impedi-lo a realizar-se plenamente, na complexidade de sua potência e limitações.

⁶ Liberalismo do séc. 19: Direitos que regem a individualidade e não a coletividade.

A filosofia política de Hobbes - sintetiza nesta obra que é considerada uma das mais influentes do pensamento político, aja visto que continua a orientar a capacidade de julgar do psiquismo e das instituições quase 400 anos depois - busca solucionar conflitos que eclodiram durante a tomada do poder político das forças ao redor de Oliver Cromwell ⁷. Naquele momento de transição, a Inglaterra passou de um regime monárquico absolutista para um governo político de caráter republicano, que foi sucedido pela restauração da monarquia em 1660.

O medo e a esperança presentes durante todo este período tornaram-se fortes inspiradores da luta pela preservação humana, e o medo da morte iminente foi atribuído ao *estado de natureza*, durante aquela que passou a ser conhecida como a Guerra Civil Inglesa. Generalizou-se o famoso lema *Bellum omnium contra omnes* (eterna luta de todos contra todos), que se imaginou só poderia ser evitado por um governo central forte, por um Estado Leviatã. A nova arte política tornou-se mais forte (NODARI, 2011:109), pois o que se pensava, aliás, como ainda se pensa de maneira tão precária, era ser insuperável a tendência geral de todos os seres humanos serem movidos por um perpétuo e inquieto desejo de cada vez mais poder que cessaria apenas com a morte. Exatamente o desejo cujo enfrentamento germinou em Ouriques a semente da Teoria Psicopolítica.

Aqui, o pensamento de Hobbes:

“Do mesmo modo que tantas outras coisas, a natureza (a arte mediante a qual Deus fez e governa o mundo) é imitada pela arte dos homens também nisto: que lhe é possível fazer um animal artificial. Pois vendo que a vida não é mais do que um movimento dos membros, cujo início ocorre em alguma parte principal interna, por que não poderíamos dizer que todos os autômatos (máquinas que se movem a si mesmas por meio de molas, tal como um relógio) possuem uma vida artificial? Pois o que é o coração, senão uma mola; e os nervos, senão outras tantas cordas; e as juntas, senão outras tantas rodas, imprimindo movimento ao corpo inteiro, tal como foi projetado pelo Artífice? E a arte vai mais longe ainda, imitando aquela criatura racional, a mais excelente obra da natureza, o Homem. Porque pela arte é criado aquele grande Leviatã a que se chama Estado, ou Cidade (em latim *Civitas*), que não é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o homem natural, para cuja proteção e defesa foi projetado. E no qual a soberania é uma alma artificial, pois dá vida e movimento ao corpo inteiro; os magistrados e outros funcionários judiciais ou executivos, juntas artificiais; a recompensa e o castigo (pelos quais, ligados ao trono da soberania, todas as juntas e membros são levados a cumprir seu dever) são os nervos, que fazem o mesmo no corpo natural; a riqueza e prosperidade de todos os membros individuais são a força; *Salus Populi* (a segurança do povo) é seu objetivo; os conselheiros, através dos quais todas as

⁷ Oliver Cromwell (1599-1658) liderava o Parlamento e, com esta vitória, o poder do rei, Carlos I, foi reduzido com a criação do cargo de primeiro-ministro, e o próprio Carlos I foi condenado à morte em 1649.

coisas que necessita saber lhe são sugeridas, são a memória; a justiça e as leis, uma razão e uma vontade artificiais; a concórdia é a saúde; a sedição é a doença; e a guerra civil é a morte. Por último, os pactos e convenções mediante os quais as partes deste Corpo Político foram criadas, reunidas e unificadas assemelham-se àquele Fiat, ao ‘Façamos o homem’ proferido por Deus na Criação. (HOBBS, 1973:09).

Esta “segurança do povo” é justificada no axioma hobbesiano porque na “guerra de todos contra todos a liberdade não possui garantias, uma vez que não existe uma instância que possa causar o medo evitando, assim, possíveis transgressões e lesões aos bens de outrem” (NODARI, 2011:118). É assim que o grande monstro bíblico, tirado do livro de Jó, continua como o grande fantasma do séc. XXI, a inviabilizar o psiquismo e as instituições, pois aqueles que ocupam o Estado são os mesmos que fora dele se consideram incapazes de negar que estados mentais violentos sejam fonte de referência para a sua capacidade de julgar.

Para a Teoria Psicopolítica,

“a emancipação humana é, portanto, bem mais complexa do que esta desistência do princípio da autonomia e da criatividade com o qual o ser humano fundou-se na Grécia em oposição ao Mito. O equívoco é tremendo, uma vez que apenas nominalmente se abandonou o Mito, e se manteve a recriação incessante e fundamentalista de instâncias metafísicas que resolveriam a condição humana. É o caso da invenção do Estado como milagroso, no qual, ao adentrá-lo, o ser humano ‘magicamente’ se transformaria naquilo que nenhum outro ser humano se supõe nesta equação ser capaz de fazer... Desde os anos 70 e 80, com o fim da URSS, e portanto do fracasso do super Estado que garantiria a felicidade coletiva, o Estado vem sendo desmoralizado sem parar mas em prol não do fortalecimento da capacidade dos seres humanos de se autocontrolarem em rede, mas para que ele seja substituído por outro Mito, o Mercado. Neste sentido é sintomático que no Brasil tenha sido eleito para presidente, através das operações psicopolíticas que viabilizam a mudança geopolítica global, “o Mito”. Mesmo em Marx emerge a metafísica sob a forma de que o problema, ou seja, a origem do ‘mal’, seria a luta de classes, mal que seria eliminado com fim das classes, quando o desafio e a oportunidade extraordinária é a eliminação paciente e cumulativa do que faz com que as classes lutem umas contra as outras”⁸.

Vale dizer, o que a Teoria Psicopolítica, e sua metodologia, a Gestão Mental, trabalha é como o sujeito torna-se capaz, através da força da vontade, de investigar em rede, na relação com todos os “outros”, levando em conta portanto “a condição irrefutável do co-surgimento interdependente da vida e do mundo” (OURIQUES, 2017b:30), a natureza dos pensamentos e

⁸ Comunicação pessoal: entrevista de Evandro Vieira concedida à autora.

afetos que emergem no território mental (OURIQUES, 2009)⁹ que ele é ao friccionar-se com as coisas do mundo, de maneira a autorizar que se tornem fonte de referência para sua capacidade de julgar apenas aqueles (pensamentos e afetos) que sejam emancipatórios face aos regimes de servidão:

“É assim que compreender a vida social, e portanto a ciência, a técnica e a arte como produção de afetos, como circulação de afetos, implica que se saiba compreender e vivenciar em primeiro lugar, e de maneira não platônica, que todo afeto, toda paixão, ao qual se tem atribuído nas últimas décadas o papel de produtor de verdade, de cessação do sofrimento, é intrinsecamente sustentado por um argumento e que, portanto, pensamento é sempre o híbrido do espírito, do desejo e do corpo, este que Spinoza considerou o inconsciente do pensamento. E implica, então, na qualidade da capacidade de julgar o tipo de afeto que abre a possibilidade da emancipação no lugar em que o sujeito foi colocado pelo poder, ou seja, pela história; ou seja, o ser humano depende de sua capacidade de discernir e, assim, de optar por aquela qualidade de estados mentais capaz de acionar a sua potência como sujeito na construção do que Spinoza chama de conhecimento seguro” (OURIQUES, 2017b).

A questão central na qual confluem, nesta pesquisa, a Teoria Psicopolítica, a Escola Diraqueana e a Filosofia Ikeda é, nas palavras da primeira, a fonte de referência para a capacidade de julgar do psiquismo e das instituições (redes de psiquismos) que possibilite a emancipação frente a todos os regimes de servidão, nos quais um sujeito transfere para o outro o seu poder, limitando-se.

No caso da Teoria Psicopolítica, ela trata também especificamente da superação dos regimes de servidão organizados na contemporaneidade, ou seja,

“no período inaugurado com a ascensão daquele tipo de neoliberalismo manifesto a partir dos anos 70 e 80 do século passado, pelos novos aristocratas do poder, cuja face mais visível são a rede de ceo’s¹⁰, na relação com as redes de *staffs* subservientes, e classes subalternas, que atendem a todos os seus desejos, na vã esperança de um dia ser um deles, todos capturados pelos estados mentais da ignorância, do medo, do ódio e da ganância que se expressam na concentração de riqueza e na destruição da natureza”¹¹.

Quando se afirma que o fim da concepção geocêntrica do mundo, frente às descobertas astronômicas que acabaram com o cosmo finito da Antiguidade,

⁹ Ouriques ressalta que o ser humano “não tem um território mental”, o ser humano “é” o próprio território mental.

¹⁰ <https://www.economist.com/business/2019/02/23/the-new-aristocrats-of-power?fsrc=scn/tw/te/bl/ed/thenewaristocratsofpowerbartleby>

¹¹ Comunicação pessoal: entrevista concedida por Evandro Vieira Ouriques à autora.

“ fez o ser humano conceber-se no registro da servidão voluntária ‘ao realizar a crítica contundente da *tradição* e ao formular o critério de existência como fundado no registro autoral do pensamento’ (...), o que permitiu o projeto moderno de domínio do mundo através do prometeico *cogito* cartesiano expresso na razão e na ciência que o teriam libertado, pela rebeldia da vontade humana ao opor à tutela de Deus e do Soberano a colocação do *eu* na cena originária da existência, é preciso compreender que esta narrativa é a mentalidade do Ocidente hegemônico falando de si mesma, desde uma perspectiva epistemicida; vale dizer, considerando a sua narrativa como *verdade absoluta*, no exercício do desprezo de epistemes que destruiu por completo ou colocou na diáspora, como as indígenas, a africana, a budista, a do Vedanta, etc. Esta atitude é que fez/faz o ser humano colocar-se voluntariamente na servidão (pois não há mais Deus nem Soberano divinizado a obrigá-lo), voluntariamente como ocorre de maneira cristalizada no delírio neoliberal, no qual atribui-se metafisicamente a um ‘mercado’ dessubstancializado a capacidade de ser referência para a capacidade de julgar, quando a obsessiva determinação econômica da realidade, como se sabe, violenta aqueles mesmos que nela votam nas urnas e votam ao dedicarem suas vidas a esta delusão, formada pelo corte radical das despesas governamentais destinadas ao bem-estar dos cidadãos, pelo aumento de impostos para a classe média e os mais pobres, pela isenção tributária para os mais ricos, pela destruição dos direitos trabalhistas e previdenciários, pelo fim do trabalho e do emprego, pelas privatizações generalizadas, enfim, pela desregulamentação absoluta de todas as normas, aproveitando-se do fim do *sentido*, sustentado pelas teorias sociais e filosofia ainda hegemônicas”¹².

É assim que esta pesquisa investiga o conceito de emancipação presente na própria Teoria Psicopolítica, no mundo quântico da Escola Diraqueana e na Filosofia Ikeda, com isto objetiva-se fortalecer os processos e movimentos de emancipação ao fazer confluir, de maneira transdisciplinar, estes distintos sistemas de pensamento, ou seja, advindo o primeiro da teoria social e da filosofia; o segundo da física e da matemática; e o terceiro do trânsito entre a religião e a filosofia. Neste sentido, esta dissertação está organizada em três Capítulos, um para cada abordagem teórica, apresentando um breve histórico da respectiva escola e como a emancipação nela opera, analisando princípios, conceitos e práticas. Sucedidos por *Discussão, Conclusão e Perspectivas*.

¹² *id.*

CAPÍTULO 1

A Emancipação na Teoria Psicopolítica

“Desde os anos 60 e 70, não é possível encontrar uma teoria social própria e inspiradora na América Latina.

(...) A Teoria Psicopolítica em Vieira, ao contrário de outros esforços, não apenas acrescenta um diagnóstico - crítico e sem esperança - mas também um esforço para reivindicar o compromisso emancipatório das ciências sociais e humanas.

Assim para o autor: “Trata-se, portanto não apenas de um diagnóstico, mas sobretudo de como superar o que é diagnosticado”.

O objetivo, portanto, é assumir que a dívida histórica com sociedades e culturas, de modo que eles tendem a superar sua condição histórica das ciências do estado, para se tornar mais nas ciências da emancipação do homem”.

(DEL VALLE, 2017a:16-18).¹³

A *Teoria Psicopolítica* é fruto da vida de um ser humano que discordou, sobretudo desde sua adolescência, do consenso, inicialmente expresso por seu pai e sua mãe, em sincronia com a maior parte da sociedade, de que a vida seria necessariamente “violenta” e “dura” e de que os seres humanos “não prestariam, nunca prestaram e nunca prestarão”. Esta discordância frontal, pois impossível para ele escamotear a dor provocada pela ausência de comunicação intrapsíquica, inter-humana, social econômico-política, descortinou-lhe dramaticamente o abismo existente entre sua sensação, compreensão e experiência do mundo -seu sistema conceitual- e o que constatava cumulativamente ser uma certeza absoluta no mundo e naqueles que falam, do lugar da autoridade -filosófica, histórica, social, econômica, antropológica, artística, psicológica, científica, etc.-, sobre o mundo.

Experimentando assim o abismo do estranhamento radical em relação à mentalidade hegemônica, da qual inicialmente nada sabia, e que encontrava em todas as partes, um vital pensamento/afeto intuitivo, apesar de traumáticamente desqualificado e discriminado, permaneceu direcionando sua vontade de investigar a natureza dos pensamentos e afetos que geravam e geram os oceanos de sofrimento humano. Apenas muitas décadas mais tarde ele iria saber a legitimidade científica da intuição, por exemplo, com Werner Heisenberg, que havia escrito já durante a Segunda Guerra em um de seus livros, somente publicado em 1984,

¹³ “Desde las décadas de los 60 y 70 que no es posible encontrar en América Latina una Teoría Social propia y inspiradora. La Teoría Psicopolítica en Vieira, a diferencia de otros esfuerzos, no sólo agrega un diagnóstico -tan crítico como desesperanzador-, sino también un esfuerzo por reivindicar el compromiso emancipatorio de las ciencias sociales y humanas. Así para el autor: “Trata-se portanto não apenas de um diagnóstico mas sobretudo de como superar o que é diagnosticado”. El propósito, por lo tanto, es asumir aquella deuda histórica con las sociedades y las culturas, de modo que éstas tienden a superar su condición histórica de ciencias del estado, para constituirse más en las ciencias de la emancipación del hombre”. **Tradução da autora.**

que “só o pensamento intuitivo pode passar pelo abismo existente entre o sistema conceitual já conhecido e o novo sistema conceitual (...) [pois a] dedução formal é impotente em lançar uma ponte sobre este abismo” (HEISENBERG, 1998:261).

Em seu ambiente familiar, o apoio decisivo que recebeu para cruzar o abismo, claro junto à dedicação que foram possíveis à sua mãe e ao seu pai, veio de sua avó materna, Estephania Fortes Vieira (conhecida como *D. Fanica*), nascida em 31 de dezembro de 1903:

“De família de classe média alta, teve educação esmerada (...). Estudou piano e (...) ao chegar à mocidade, com 18 anos, apaixonou-se e mesmo contra a vontade da família casou-se [e] deixou o piano. (...) Aos vinte e um anos, já mãe de sua primeira filha, seus dons mediúnicos se revelaram. Ela parecia estar tendo um ataque epilético (...). Depois de muito sofrer e muito ser discriminada, até pela família, e depois de uma tentativa de suicídio (...) foi recolhida da linha do trem por um irmão que, não tendo mais para quem apelar, recorreu ao espiritismo” (MAGALHÃES, 2013:4).

Desde então, tornou-se mais aguda a incompreensão pela família em relação à ela e aprofundou-se o longo processo de 32 anos durante o qual o marido a abandona para contrair outro casamento, deixando-lhe com seus dois filhos. Sua vida pessoal desmorona e ela passa a conhecer a pobreza quase absoluta, sendo levada inclusive a “fazer flores de pano” (*id.*:5) para viver. D. Fanica dedicou-se por completo ao que se chama de espiritualidade, até que recebeu autorização de seu mestre espiritual, o Guia Artur, para criar o Centro Espírita Guia Artur¹⁴, que fundou em 04 de setembro de 1953, portanto quando seu neto mais velho, Evandro Vieira Ouriques, iria completar ainda quatro anos.

Nesta caminhada que abraçou até a sua passagem em 19 de março de 1976, D. Fanica conheceu diversas tradições do espiritismo: “Mesmo tendo escolhido a doutrina espírita através dos ensinamentos de Kardec (...) ela conheceu os mistérios da umbanda, da quimbanda (só como assistente), do candomblé, do Ramatis” (*ib.*). Estas tradições espirituais marcaram de maneira radical a orientação e o cotidiano da família de Ouriques, tendo seu pai Fernando¹⁵ se dedicado ao candomblé, no qual foi “feito”, e sua mãe, Hormezinda, portadora de grave deficiência visual (cega de um olho e com visão muito reduzida no outro) flutuado

¹⁴ <https://www.cega.net.br>.

¹⁵ Aposentou-se como detetive-inspetor da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro graças a ter completado seus estudos de Direito com quase 60 anos, o que lhe permitiu deixar de ser motorista, atividade que manteve durante quase toda a sua vida juntamente com períodos como vendedor.

entre o Kardecismo e a umbanda, ambos marcados por uma revolta permanente dado, sob a perspectiva deles, a “espiritualidade” “não resolver” a “vida material”¹⁶ que experimentavam.

“A confusão mental é tão profunda que se associa o capitalismo ao materialismo, quando em verdade ‘o capitalismo (...), com todo o seu crasso materialismo, é secretamente alérgico à matéria. Nenhum objeto específico pode satisfazer seu voraz apetite, enquanto procura sem descanso, passando de um para o outro, reduzindo cada um a nada na busca ruínosa de seu desejo último. Apesar de ser caso de amor com a matéria, sob a forma de vilas toscanas e conhaques duplos, a sociedade capitalista abriga um ódio secreto a tudo que é material. É uma cultura injetada de fantasia, idealista até o cerne, potenciada por uma vontade desencarnada que sonha em fazer a natureza em pedaços. Faz da matéria um ídolo, mas não consegue engolir a resistência que ela oferece aos seus esquemas grandiosos” (EAGLETON, *apud* OURIQUES, 2017b:113).

Foi neste ambiente, portanto, radicalmente metafísico, pleno de acontecimentos diários e contínuos tratados pela parapsicologia, que aquele adolescente deu-se conta da luta de classes e repetiu inconscientemente a ideia, pertencente àquele sistema conceitual que rejeitava, de que o “mal” (que mais tarde Ouriques definiria como todo aquele estado mental que se condensa em atitudes anti-comunicacionais, que contradizem a condição comunicacional do ser humano) estaria em um lugar externo. Senão na humanidade como um todo, certamente em qualquer um que lhe impedisse fazer ou experimentar o que quisesse.

Crescendo criança no ambiente da Guerra Fria e adolescente no da Ditadura Militar-Empresarial-Civil brasileira, Ouriques alinhou-se durante muito tempo aos que entenderam, desde o final do séc. XIX, que a “classe dominante”, a acumulação primitiva do capital e a propriedade privada dos meios de produção seriam a origem do “mal”. Desta forma optou, apesar de sempre ser atravessado por uma forte tendência amorosa em relação a todas as pessoas e as coisas do mundo, por cursar ciências sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no qual entrou em março de 1969, portanto no primeiro semestre de aulas após a assinatura do terrível Ato Institucional Nº 5, que consolidou a fase mais brutal da Ditadura brasileira, ao ponto de estabelecer em seu Art.

¹⁶ “Para que se tenha uma (...) melhor dimensão de quem foi D. Fanica, registro que ela ajudou o Professor Hermógenes a criar o Núcleo Espírita do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Muitas vezes, com quatro, cinco anos, etc., eu a vi presidindo espiritualmente os trabalhos do Núcleo, cercada de militares fardados. Por sua vez, minha mãe ora seguia o Kardecismo, ora seguia a Umbanda, e meu pai percorreu os centros de mesa, inclusive o de minha vó, depois a Umbanda e acabou encontrando-se no Candomblé, onde foi feito no Santo” (Ouriques, 2009b:12).

11 a exclusão “de qualquer apreciação judicial [de] todos os atos praticados de acordo com este Ato institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos”¹⁷.

Como em todas as ditaduras, o “mal” tornado caricato naqueles que a comandam dificulta localizar a mentalidade ditatorial presente na cultura, que alimenta e assim sustenta os “ditadores” quando, na verdade, “eles” são apenas uma condensação de um inconsciente autoritário e brutal. Naquele ambiente Ouriques foi atravessado por este equívoco. Porém, naquela mesma virada dos anos 60 para os anos 70 a contracultura chegava ao Brasil com toda a força e ele viveu-a intensamente como reencantamento do mundo, ao mesmo tempo em que trabalhava contra a Ditadura no Brasil, por exemplo, em jornais de esquerda sob pesada censura, em um deles por anos com dois censores fardados na oficina, diariamente.

Sem alongar-me, esta intuição inicial de que a vida é uma *dádiva* (OURIQUES, 2009b) e que, portanto, o mundo se oferece como construção de encontros alegres, e que apenas a alegria garante o conhecimento seguro, no sentido de Spinoza, foi ampliando-se ao longo das pesquisas e experiências realizadas por Ouriques, inclusive durante os 27 anos que lecionou na Escola de Comunicação disciplinas sobre linguagem gráfica, planejamento gráfico, estética e ética (1979-2006) e os 20 anos (1980-2000) em que foi curador de fotografia e artes plásticas, designer de montagens, conservador de obras de arte e gestor cultural na Fundação Nacional de Artes dos anos 80 e no Museu Nacional de Belas Artes dos anos 90. Daí sua dissertação de mestrado em comunicação e cultura, de 1992, sobre a presença da geometria mecanicista e da geometria holística na mídia e a relação verbo-imagem na página de jornal ter sido uma pesquisa sobre 12 mil jornais de 33 países do mundo, desde a disseminação dos jornais diários no séc. XVII graças ao trabalho de Johannes Gutenberg, até a década de 1990, quando examinou o simbolismo geométrico das tradições espirituais e como ele é usado, consciente ou inconscientemente, no *design* dos periódicos, em sincronia com a mesma presença no corpo, fisionomia, gestualidade, vestuário, arquitetura, urbanismo, e ambiente natural (OURIQUES, 1992:37).

Ali, no último parágrafo, depois de demonstrar a tragédia que é reduzir a complexidade do mundo e da vida ao formato retangular, Ouriques concluía a necessidade de “lutar e fruir com aquilo que informa a decisão no ato comunicativo. Qual o papel que a dimensão do

¹⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm.

sentimento tem neste ato? A nova raça de homens e mulheres poetas guerreiros que está nascendo trará luz e aberturas para que vivamos com mais júbilo” (*id.*:242).

Vinte e cinco anos após, em seu livro *Teoria Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura*¹⁸, Evandro Vieira Ouriques, sintetiza sua formação e experiência transdisciplinares, e assim e transculturais (no exercício de encontrar recursos para cruzar o referido abismo), em redes de seres humanos, movimentos e instituições muitas vezes contraditórias, bem como em disciplinas e áreas do conhecimento radicalmente afastadas em seus pressupostos e métodos, mas todos convergindo no compromisso nominal com a emancipação: antropologia, sociologia, economias políticas, contracultura, alimentação natural, comunidades alternativas, taoísmo, astrologia, hinduísmo, reportagem, redação, edição, diagramação, luta anti-nuclear, magistério, produção cultural, curadoria de fotografia e artes plásticas, circuito de arte, formação de bibliotecas, *design* de montagem, edição de catálogos e livros, formação e dinamização de acervos documentais, conservação de obras de arte, pesquisa, transdisciplinaridade, ciência política, yoga, sustentabilidade, diálogo inter-religioso, movimentos indígenas, movimentos xamânicos, shivaísmo, budismo, cultura de paz, *coach* empresarial, estudos culturais e socioculturais, democratização dos meios de comunicação, cultura digital, políticas públicas, intervenção nos territórios, cultura de periferia, políticas de identidade, terapia clínica, etc. E demonstra a centralidade da mente, pois o “que Judith Butler compreendeu nos permite avançar e compreender este fundamento da Teoria Psicopolítica: a mente não é sobre determinada pelo corpo, ela determina o corpo, pois ela determina inclusive o gênero do corpo. Ela não depende, portanto da ‘base material’” (OURIQUES, 2017a:73) e, ao mesmo tempo, também não depende de algo que não estaria, em absoluto, aqui.

As últimas experiências com movimentos sociais, e a verificação da dificuldade deles de realizarem aquilo ao qual se propunham, antes de Ouriques começar a sistematizar em termos acadêmicos a Gestão Mental e a Teoria Psicopolítica, foram exatamente em movimentos do sistema de pensamento religião (yoga, diálogo inter-religioso e tradições indígenas), o que se refletiu tanto em sua tese de doutoramento, dedicada aos fundamentos de um outro modelo de comunicação e cultura a partir das tradições espirituais e na ciência contemporânea (2001),

¹⁸ Primeiro volume da Colección Teoría Psicopolítica, uma coedição da Universidad de La Frontera, Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Porto, Portugal, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, e Universidade de Groningen (Top 100 Univesity), Holanda.

quanto no livro *Diálogo entre as civilizações: a experiência brasileira* (2002), que organizou para o Escritório da ONU no Brasil e a UNESCO, e nos quais começou a emergir seu trânsito definitivo do dualismo para o não-dualismo:

“Trata-se portanto da necessidade de uma reforma (...), de uma terapia da mente que depende diretamente da qualidade emancipatória ou não dos estados mentais que se autoriza a ser referência para a capacidade de julgar, pois a mente, para instaurar a felicidade ou a infelicidade, depende de sua capacidade de julgar a qualidade, de julgar a natureza dos objetos aos quais adere pelo amor, pela vinculação, pois briga-se, e portanto trata-se do político, apenas pelo que se ama, pelo que comove a alma, frequentemente pela fraqueza humana. Por isto Spinoza demonstra que tudo que serve para chegar à superação da fraqueza humana, e portanto alcançar à uma natureza distinta desta fraqueza, é o verdadeiro bem, cuja acumulação permite chegar ao *sumo bem*, que é a experiência de gozar com os outros indivíduos. Esta é a verdade” (*id*:37-38).

Tal conclusão emergiu da verificação empírica de quanto o compromisso nominal com a emancipação¹⁹, não correspondia aos resultados emancipatórios desejados. Esta sincronia inconsciente entre o “mal” na “sociedade” e o “mal” nas relações, da qual acabou se dando conta organicamente no início dos anos 90, ele começou a tratar de maneira sistemática na Academia em uma série de disciplinas, cursos de extensão, publicações e realizações vários tipos, nas quais conversava, testava, incorporava conhecimentos conexos e ajustava suas pesquisas.

Dentro deste vasto repertório, cito aqui algumas: *Construção de Estados Mentais Não-violentos na Mídia* (2004-2010), *Utopia e Economia Psíquica Pós-moderna* (2005), *Jornalismo de Políticas Públicas Sociais* (2007-2011, em parceria com a ANDI-Comunicação e Direitos), *Construção de Utopias* (2009); *Não-violência*²⁰ e *Mente Livre na Cultura Digital* (2010-2011); *Comunicação, Espetáculo e Cultura* (2012); *Não-violência e Movimentos Sociais* (2013); *Psicopolítica e Mudança em Rede* (2013-2016); *A Natureza Comunicacional da Ciência e Tecnologia e as Exigências Transculturais de Mudança Epistêmica* (2015); *Da Irracionalidade à Descolonização Mental do Conhecimento e do Cientista* (2015);

¹⁹ Sublinha que sua própria atitude foi muitas vezes criticada pelo mesmo motivo o que foi decisivo para perceber a sincronia entre o psíquico e o político (no sentido de poder vital, portanto como categoria não clássica) na geração de desincronia entre ato e palavra.

²⁰ “De acordo com essa filosofia, os *satyagrahis* - praticantes de *satyagraha* - obtêm percepção correta da natureza real de uma situação perniciosa, observando a não-violência da mente, buscando a verdade em um espírito de paz e amor, e passando por um processo rigoroso de auto escrutínio. Ao fazer isso, o *satyagrahi* encontra a verdade no absoluto.”. Cf. <https://www.britannica.com/topic/satyagraha-philosophy>.

Psicopolítica e Superação da Violência: sobre a responsabilidade social da ciência e da técnica (2016); *Mente, Fascismo e Psicopolítica* (2016); *Emancipação, Ciência e Teoria* (2018); *Terapia Filosófica da Ciência* (2018); e o *Curso de Extensão Pedagogia da Convivência frente à Produção de Identidades para o Extermínio* (2019, em parceria com o Observatório de Favelas). Em síntese,

“É muito mais frequente e comum do que gostaríamos o fato que indivíduos, grupos, redes, movimentos e organizações apresentem atitudes antidemocráticas na maneira como conversam internamente, articulam suas ações intersetoriais e procuram mobilizar os segmentos sociais com os quais trabalham em favor da cidadania, da democracia, das políticas públicas sociais, das intervenções em comunidades e da responsabilidade socioambiental. Quando verificamos ao longo da História, e do presente, a extensão dos prejuízos causados por essas atitudes mentais para os movimentos de transformação social, podemos afirmar que se trata de uma alarmante pandemia no território mental, que pode ser superada apenas pela religação dos saberes sobre a sociedade com aqueles sobre a economia psíquica dos indivíduos” (OURIQUES, 2009a:77).

Foi por isso que em todas as redes, movimentos, organizações e instituições que participou Ouriques alertou sobre o ponto cego tanto das “boas intenções” quanto do papel determinante que a mente (no sentido não platônico) tem na constituição do que se experimenta como “concreto” -portanto como *Realidade* (que não é inamovível)- o ponto cego que acabou por miná-las, destruí-las ou torná-las ineficazes, a tal ponto que, como demonstrou décadas antes a maneira de superar tal tendência, o fascismo retornou em pleno séc. XXI. Por isso, a Teoria Psicopolítica concorda com Basarab Nicolescu, e entende a *Realidade* como relação, como o que se constrói.

“Na medida em que a realidade participa do ser do mundo, é preciso atribuir também uma dimensão ontológica a esse conceito. A realidade não é apenas uma construção social, o consenso de uma coletividade ou alguma concordância intersubjetiva. Ele também tem uma dimensão trans-subjetiva: por exemplo, dados experimentais podem arruinar a mais bela teoria científica. O significado que damos à palavra realidade é, portanto, pragmático e ontológico ao mesmo tempo. (...) Temos que distinguir, para evitar mais ambiguidades, entre as palavras Real e Realidade. O real designa aquilo que é, enquanto a Realidade está conectada à resistência em nossa experiência humana. O ‘real’ é, por definição, velado para sempre (não tolera nenhuma qualificação adicional) enquanto ‘realidade’ é acessível ao nosso conhecimento. O Real envolve a não-resistência, enquanto a Realidade envolve resistência ” (Nicolescu, 2008:13).

Em suma, esta linha de trabalho, acabou despertando o interesse da Universidad de La Frontera, Chile, da Cátedra UNESCO de Filosofia da Cultura e das Instituições, Paris, da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, do Consejo

Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, do Erasmus Mundus, da Universidade do Porto, da Universidad Nacional de La Plata, da Universidade de Groningen, da International Association for Media and Communication Research -IAMCR, e diversas outras universidades, sociedades científicas e instituições²¹, o que acabou formando um programa internacional de Teoria Psicopolítica, com uma sequência de seminários internacionais²² já preparando sua quinta edição, assim como já referida Colección Teoría Psicopolítica²³, já com três publicados, um no prelo, e quatro outros em andamento, estando presente, de forma crescente, como teoria, em programas de pós-graduação no Brasil, no Chile, na Argentina e na Colômbia.

A Teoria Psicopolítica nasceu no Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Psicopolítica e Consciência-NETCCON, sediado na Escola de Comunicação-ECO/UFRJ, fundado em dezembro de 1984 por Evandro Vieira Ouriques. Em 2016 ele cria, a convite de Maira Fróes, diretora do Laboratório de Métodos Avançados e Epistemologia-LAMAE, do Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais-NCE/UFRJ, o Laboratório de Gestão Mental, Psiquismo e Instituições-LabMind, integrado ao LAMAE.

Nos anos recentes, sobretudo com o avanço do fascismo através do voto, vale dizer, da servidão voluntária, o que vem forçando a renovação da teoria social e da filosofia, a psicopolítica vem ganhando muito espaço como um diagnóstico de como o neoliberalismo se afirma. A Teoria Psicopolítica, no entanto, “para trazer a ciência de volta à sabedoria, um chamado constante ao amor, à amizade, à fraternidade e também à luta compartilhada por mais consciência, mais lucidez e mais ruptura com os padrões mentais que nos acorrentam” (Misse, 2017:24) distingue-se claramente das demais abordagens da psicopolítica como tratada comumente por pelos menos quatro diferenças:

- “1. não é um discurso moralista sobre o mundo;
2. não é um pensamento crítico apenas em relação ao capitalismo avançado, cognitivo ou neoliberal, como se este fosse o mal do mundo em si, mas em relação a todos os regimes de servidão, que são sustentados por opressores e oprimidos e oprime a ambos, pois os sequestram de sua condição comunicacional. É assim que não se recomenda que uma “ética da liberação” ou uma “ética da emancipação” trate da liberação do “oprimido” a partir de sua organização contra um “outro”, pois assim concebidas fazem com que o

²¹ <https://ufrj.academia.edu/EvandroVieiraOuriques/V%C3%ADnculos-de-Rede>

²² <https://ufrj.academia.edu/EvandroVieiraOuriques/Seminários-Internacionais>

²³ <https://ufrj.academia.edu/EvandroVieiraOuriques/Col-Psicopol%C3%ADtica>

“oprimido” emerja de sua subjugação subjugando outros, como comprova à exaustão a história;

3. não supõe que as operações psicopolíticas sejam algo recente, mas apenas que a reflexão sobre elas, dada a cegueira provocada pelo dualismo, é que são recentes;

4. e aplica o veneno como vacina, daí ser a via de emancipação frente aos regimes de servidão, (...) todos, operações psicopolíticas, (...) operações mentais, no território mental” (OURIQUES, 2017a:27).

Para compreender a Teoria Psicopolítica é decisivo superar a divisão entre indivíduo e sociedade, divisão que está incorporada a um nível tão profundo que escapa da compreensão da maior parte das pessoas, certa da existência de um abismo intransponível entre o indivíduo e a sociedade, que, no entanto, é produzido pelo dualismo:

“O dualismo é, neste sentido, o Holocausto dos holocaustos: pois produz a impossibilidade da complementaridade dos opostos mente-corpo, mente-desejo, mente-coração, indivíduo-coletivo, etc., que impede o processo vital. ‘Porque as pessoas obedecem?’ Elas obedecem porque estão com a capacidade de pensar, querer e, assim, de julgar em rede comprometida por um processo civilizacional que chegou a um acúmulo de evidências que as permitem tomar as providências de desistir de seu fundamento dualista e reconhecer a condição comunicacional do ser humano, não como uma essência metafísica e nem como uma imanência autorreferente, pois que cria um “fora”, a “natureza”, e, portanto, uma meia imanência, pois é imanente apenas em relação à cultura. É assim que a Teoria Psicopolítica responde à pergunta feita por Foucault, e endossada por exemplo por Agamben (...) e Hall sobre como eliminar este ponto cego de todas as investigações sobre o poder. É a capacidade de julgar que comunica a servidão voluntária dos indivíduos com o poder ‘objetivo’ ” (OURIQUES, 2017a:40-41).

É por isto que o foco da Teoria Psicopolítica é a mente (como incorporada, não platônica), no sentido da qualidade emancipatória ou não das teorias e sistemas cognitivos, pois, como disse Thomas Jefferson em 1782,

“Em todo governo na Terra há algum traço de fraqueza humana, algum germe de corrupção e degenerescência, que a esperteza descobrirá, e a maldade insensivelmente abrirá, cultivará e aumentará. Todo governo degenera, se confiado tão somente aos governantes do povo. Assim, o próprio povo é o seu único depositário seguro. E, para torná-lo ainda mais seguro, a mente do povo deve ser aperfeiçoada [...]”²⁴.

²⁴ “Every government degenerates when trusted to the rulers of the people alone. The people themselves therefore are its only safe depositories. And to render even them safe, their minds must be improved to a certain degree”. **Tradução da autora.** Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/titles/jefferson-the-works-vol-4-notes-on-virginia-ii-correspondence-1782-1786>. Acessado em 25/12/2018.

Evandro Vieira Ouriques mostra que

“Ao expurgar artificialmente as paixões do espaço público Hobbes as recalcou de maneira dual no território do ‘privado’, do ‘pessoal’, do ‘psicológico’, reprimido por este pacto que interiorizou o ressentimento do trauma ontológico e epistemológico do dualismo sem dele tratar, o que gerou a quarta etapa do processo civilizatório identificada por Norbert Elias (...) -a etapa descivilizatória (...), na qual a corrupção das elites do Estado contaminam todo o psiquismo e as instituições, pois é uma cultura, uma formação cultural, um modo cultural, uma mentalidade. Tal certeza hobbesiana orienta, assim, por exemplo, o prêmio Nobel de economia James McGill Buchanan, na esteira do neoliberalismo de Friedrich Hayek e Ludwig von Mises e do ‘supremacismo dos proprietários’, que sustentado por John C. Calhoun, filósofo político defensor da escravidão na primeira metade do século XIX (quando chegou por duas vezes a ser vice-presidente dos Estados Unidos, além de ter sido secretário de Estado), ecoa na fala de Donald Trump quando ele defendeu, como presidente, a manutenção dos símbolos confederados, cuja eliminação esteve exatamente no centro da tragédia de Charlottesville. Buchanan e Calhoun [John C.] sintetizam esta mentalidade, segundo a qual a liberdade consiste no direito absoluto de usar a propriedade segundo o desejo de cada um, pois qualquer limite seria ir contra os proprietários em nome das ‘massas desqualificadas’ Foi esta retórica de Calhoun, aplicada à escravidão, que influenciou decisivamente as ameaças sulistas de secessão” (OURIQUES, 2017b:85).

Em resumo, foi assim que o abismo experimentado por Evandro Vieira Ouriques ao longo de grande parte de sua vida foi transposto. Referenciado em Spinoza, Ouriques mostra que enquanto Rousseau imaginava o ser humano bom por natureza, e Hobbes o contrário, propondo o Estado como o mediador que garantiria que nenhum grupo de interesse se sobrepujasse ao interesse da sociedade (o que se revelou um fracasso por ser mais uma aposta metafísica, uma vez que supôs, já se fazem quase 400 anos, que o ser humano ao entrar no Estado se purificaria automaticamente, como explica a Teoria Psicopolítica), o que está à nossa disposição é, no que toca aquele século XVII e a passagem para o XVIII, o filósofo português, excomungado a um só tempo pelos cristãos e pelos judeus, esclareceu que

“as coisas que ocorrem mais na vida e são tidas pelos homens como o supremo bem se resumem, ao que se pode deprender de suas obras, nestas três: as riquezas, as honras e a concupiscência [a cobiça de bens materiais, o anelo de prazeres sensuais]. Por elas a mente se vê tão distraída que de modo algum poderá pensar em qualquer outro bem. Realmente, no que tange à concupiscência, o espírito fica por ela de tal maneira possuído como se repousasse num bem, tornando-se de todo impossibilitado de pensar em outra coisa; mas, após a sua fruição, segue-se a maior das tristezas, a qual, se não suspende a mente, pelo menos a perturba e a embota. Também procurando as honras e a riqueza, não pouco a mente se distrai, mormente quando são buscadas apenas por si mesmas, porque então serão tidas como o sumo bem. Pela honra, porém, muito mais ainda fica distraída a mente, pois sempre se supõe ser um bem por si e como que o fim último, ao qual tudo se dirige. Além do mais, nestas últimas coisas não aparece, como na concupiscência, o arrependimento. Pelo contrário, quanto mais qualquer delas se possuir, mais aumentará a alegria e conseqüentemente sempre mais somos incitados a aumentá-

las. Se, porém, nos virmos frustrados alguma vez nessa esperança, surge uma extrema tristeza. Por último, a honra representa um grande impedimento pelo fato de precisarmos, para consegui-la, adaptar a nossa vida à opinião dos outros, a saber, fugindo do que os homens em geral fogem e buscando o que vulgarmente procuram” (*apud* OURIQUES, 2017b:37-38).

Princípios, conceitos e práticas que tratam da emancipação

Quando se fala de *emancipação*, do sujeito “tirar de cima a mão que o oprime”, experiência comum a todos os seres humanos, está se afirmando necessariamente que o ser humano, na interdependência de todas as coisas do mundo, tem uma expressão própria, uma vontade própria, uma *diferença* só possível de vigorar em sua relação com a *semelhança* que o vincula aos seus pares humanos (OURIQUES, 2006):

“É por isso que os sujeitos continuam a andar, cada um a sua maneira, como o filósofo Diógenes fazia no século IV AEC, com uma lâmpada acesa, ou um celular ligado nas mãos, procurando a verdade, e a sofrerem quando não a encontram no psiquismo de seus relacionamentos e nas instituições da democracia representativa, pois ‘foi estabelecendo a vontade de paz contra loucuras bruscas (...), que os povos conseguiram substituir a guerra, o isolamento e a estagnação pela aliança, pela dádiva e pelo comércio’ (...), na dinâmica da apreensão e revitalização das instituições como recursos que consolidam as ações dos sujeitos e os resultados destas ações. Portanto, no exercício comunicacional da vida em comum, ‘cuja direção consciente é a arte suprema, a Política, no sentido socrático da palavra’ (...), estabelecido na sociabilidade instituinte da escuta da voz da mãe. Esta sociabilidade ‘primária’ funda o ser humano com uma antropogênese ‘geneticamente social’ e jamais apenas o movimento especular de uma *tabula rasa* face ao que rodeia o ser humano. Ela não é um *a priori* kantiano, porque é encarnada, imanente e empírica, dependente dos sentidos e, nesta condição, é universal. É neste encontro entre raízes pré-intelectuais e a cultura que emerge o pensamento, o conhecimento, que assim não pode ser ontologizado nem historicizado por completo. O pensamento, mostrou Arnold Gehlen, emerge na intenção, digo eu, na intenção do bebê de viver, que não pode ser substituída por nenhuma outra intenção. É uma opção dele. De seu entusiasmo” (OURIQUES, 2017b:110-11).

Por isto a Teoria Psicopolítica está assentada na condição comunicacional do ser humano, nesta “sociabilidade fundacional (...) constituída por uma biogênese, uma psicogênese e uma sociogênese” (*id.*:112), e em como avançar a construção de uma cultura, portanto da qualidade da capacidade em rede de julgar (POULAIN, 2017), que permita o fortalecimento do vigor desta condição (comunicacional do ser humano). Esta é a razão pela qual o livro de Ouriques que abre a Colección Teoría Psicopolítica trata justamente da *emancipação* dos

Aparelhos Psicopolíticos da Cultura, referindo-se aos *Aparelhos Ideológicos de Estado*, livro de Louis Althusser de 1969:

“O foco na cultura, como o lugar imanente de instauração e emancipação dos regimes de servidão, e não da [referida] centralidade metafísica no Estado, distingue estes *Aparelhos*, e o argumento que os sustenta, da proposta de Althusser, feita em 1969, em relação aos *Aparelhos Ideológicos de Estado*, compostos, como se sabe, pelo religioso, pela escola, pela família, pelo jurídico, pelo político, pelo sindical, pela mídia e pela cultura. Faço isso agradecido a Althusser, pois o seu entendimento a respeito da autonomia relativa da superestrutura naquele livro confirmou-me a outra percepção do mundo que eu, jovem, intuía a de que a transformação social não adviria da crítica às bases materiais do capitalismo. Mas do autoritarismo que impedia a comunicação com o outro” (OURIQUES, 2017b:260).

Como ser de linguagem, entendo ser relevante sinalizar que a condição comunicacional do ser humano somente assegura a capacidade emancipatória quando o sujeito estabelece uma relação em rede com a sua própria condição, que é a de todos os humanos, assim como a da própria vida, em seus movimentos de contração e expansão, de diferença de potência, da respiração. Ouriques esclarece, “a vida humana se faz na união dos opostos, do inspirar, e entrar na vida, e do expirar e sair da vida”²⁵. E prossegue:

“É nesta dinâmica comunicacional que se inscrevem a transdisciplinaridade e a transculturalidade, pois, como Foucault mostrou, as disciplinas constituem um sistema de controle da produção do discurso, das formas de autoconsciência social que resultaram mais de decisões institucionais da ideologia liberal, que entendia que Estado, mercado, política e economia eram setores separados, do que de questões ontológicas, epistemológicas, teóricas e metodológicas internas ao conhecimento, às quais eu agrego as condições vivenciais nas quais o conhecimento é experimentado e construído pelas ações do ser humano. Estas ações são necessariamente respiratórias, musculares, esqueléticas, alimentares, etc., pois é nelas que o ser humano em rede vive, e assim sustenta, reproduz ou cria, psicopoliticamente, a cultura que legitima. É por isso que desconstruir modelos de representação e ativar a potência ‘revolucionária’ do desejo implica em mudar de atitude a partir da observação e correspondente mudança contínua do padrão da respiração, este primeiro, incontornável e último ato da vida humana. É neste sentido de instaurar biopoliticamente o não platonismo que a Teoria Psicopolítica é um pensamento respiratório” (OURIQUES, 2017b:58).

A condição comunicacional do ser humano não remete assim a um fenômeno metafísico, não transcende o sujeito na direção de uma essência, de uma origem localizada em algum

²⁵ Comunicação pessoal: entrevista de Evandro Vieira Ouriques concedida à autora.

lugar. É assim que a capacidade emancipatória da Teoria Psicopolítica e de sua metodologia, a Gestão Mental, fornece os meios ontológicos, epistemológicos, teóricos e metodológicos que permitem a ocupação em rede do próprio território mental, o assentamento do sujeito em sua identidade, esta que, como a Realidade, é constituída pelo “que resiste nele apesar de todos os discursos a respeito da dissolução do sujeito”²⁶: é a dobra sobre si mesmo²⁷.

A verificação que realizei até aqui dos princípios, conceitos e práticas da Teoria Psicopolítica mostra que o exercício do ser humano desconfiar do que se pensa e do que se sente (tendo em vista que a história nos mostra o quanto se está contaminado por uma mentalidade avessa à emancipação) e, assim, investigar a natureza emancipatória ou não do que se lhe apresenta na forma de pensamentos e afetos como fonte de referência para a capacidade de julgar, e desta maneira, a gestão psicopolítica do território mental, é um ciclo constante e em rede, pois é impossível viver de forma isolada, encapsulada, como se fosse possível escapar da relação de interdependência.

Nesta verificação destaca-se a prática primeira e permanente da Gestão Mental de observar a respiração, *pois é na respiração que se faz a revisão ontológica*, que possibilita a emancipação do sujeito, emergindo no caminho do meio das ontologias vigentes. A ontologia é o campo da filosofia que trata da natureza do ser, da realidade e da existência dos entes. Etimologicamente, *Ontos* em grego significa entes e *Logos*, conhecimento, ciência, portanto, a “ciência do ser”. *Para Mario Bunge, é o estudo filosófico do ser e do vir-a-ser. Refere-se, portanto, à natureza dos fenômenos da matéria* (MORAES, 2015). As transcendentais que defendem a ideia de que somos originados de “coisas que não estão aqui”, aquele que não está aqui: *o Deus metafísico*, e o seu oposto, ou seja, as ontologias constitutivas, que dizem respeito aos processos constituintes e observáveis “do que está aqui” (MATURANA, 2001).

Sobre este senso comum do ‘fora’ e ‘dentro’ absolutos, a Teoria Psicopolítica traz a proposta de conhecer, compreender e vivenciar ambos processos como saída de uma oscilação dualista²⁸, assumindo que não existe um ‘fora’ absoluto, e como também é preciso *eliminar a delusão de que existiria um ‘dentro’ absoluto: um fora deste ‘fora’, um ‘absoluto*

²⁶ Comunicação pessoal: entrevista de Evandro Vieira Ouriques concedida à autora.

²⁷ “Narcizismo Primário” é quando o sujeito “dobra” sobre ele mesmo, ele se volta sobre si mesmo. O bebê, por exemplo, começa a se perceber ao identificar que existe um objeto que “não é ele”: “Isto sou eu”, “Isto não sou eu!”

²⁸ As ontologias transcendentais ou para as ontologias constitutivas.

*imane*nte’, um apenas ‘humano’ que continua a não saber julgar entre o real e o ilusório e de uma armadilha na qual se encontra presa a teoria social e a filosofia que ainda prevalecem (id.:136).

Estou dizendo que, se sigo o caminho explicativo da objetividade sem parênteses, com certeza assumo que posso fazer referência a um ser em si, a partir do domínio das **ontologias transcendent**es. Por exemplo, eu digo: a matéria é o último; essa é a realidade última, tudo tem que ser explicado em função da matéria... ou da energia, ou de Deus, ou da consciência. Ou: "A consciência é o último. Tudo tem que ser explicado em termos da consciência." O outro domínio explicativo, o da objetividade entre parênteses, é o que eu chamo de o domínio das **ontologias constitutivas**. Ou seja, é o domínio rio qual fazemos referência às condições de constituição daquilo de que falamos. (MATURANA, 2001).

Pois o futuro de Huxley faz tempo está aí, tudo indica que antes mesmo dele ter vivido: “Os mais importantes Projetos Manhattan do futuro serão vastas pesquisas sob patrocínio governamental, em torno do que os políticos e os cientistas participantes chamarão ‘o problema da felicidade’ -em outras palavras, o problema de fazer com que as pessoas amem sua servidão” (HUXLEY, 1979:08). Alguma semelhança com a realidade brasileira e mundial?

Sabemos que *O discurso da servidão voluntária*, o proibido hino à liberdade de 1549 do jovem filósofo francês La Boétie (1530-1563), claramente mirava a massa e não ao tirano:

“Quero para já, se possível, esclarecer tão-somente o fato de tantos homens, tantas vilas, cidades e nações suportarem às vezes um tirano que não tem outro poder de prejudicá-los enquanto eles quiserem suportá-lo; que só lhes pode fazer mal enquanto eles preferem aguentá-lo a contrariá-lo” (BOÉTIE, 2006:05).

Ainda tentando decifrar o enigma deste trágico comportamento de “servir sem questionar”, La Boétie prossegue:

“Digno de espanto, se bem que vulgaríssimo, e tão doloroso quanto impressionante, é ver milhões de homens a servir, miseravelmente curvados ao peso do jugo, esmagados não por uma força muito grande, mas aparentemente dominados e encantados apenas pelo nome de um só homem cujo poder não deveria assustá-los, visto que é um só, e cujas qualidades não deveriam prezar porque os trata desumana e cruelmente” (BOÉTIE, 2006:06).

E Ouriques conclui, demonstrando porque a gestão psicopolítica em rede do território mental está permitindo, com este nome ou com o nome que se queira dar ao exercício da responsabilidade sobre o que se pensa-sente, é que faz emergir a quinta etapa do processo civilizatório:

“Se concordamos com a periodização do processo civilizatório feita por Gina Zabludowsky (...), a partir de [Norbert] Elias, é possível compreender mais um pouco a Teoria Psicopolítica: (1) primeiramente o ser humano experimentou a fase na qual a violência organizada se tornou monopólio dos homens, com a exclusão das mulheres; (2) a seguir a fase em que a violência organizada se tornou monopólio de uma elite de guerreiros; (3) veio então a fase em que esta elite é forçada a renunciar ao exercício da violência em favor do monopólio da violência pelas elites do Estado, quando se forma o Estado moderno na Europa; e (4) a fase descivilizatória, na qual a violência se dissemina no psiquismo e nas instituições -indivíduos, grupos sociais, comunidades, estados-nação, etc.-, o que debilita a estabilidade e a consistência das relações sociais. (...) dentre os principais critérios para o processo de civilização estão justamente as transformações do *habitus* social dos seres humanos na direção de um modelo de autocontrole que apesar de conviver com as coações exteriores configuram auto coações com maior autonomia em contraposição àquelas. (...) no curso do processo civilizatório é que aumenta a capacidade de transformação sublimatória dos impulsos comportamentais mais ‘prensões de pulsões’ (...), portanto da escolha dos estados mentais civilizatórios em meio à constelação dos afetos e pensamentos que emergem em rede no território mental” (OURIQUES, 2017a:101).

Em suma, esta nova forma de pensamento promove uma *emancipação* que instrumentaliza este sujeito “único”, porém sempre em rede, plasmado num emaranhamento como reflexo da relação de interdependência, do co-surgimento de todos os seres humanos. Verificamos que o *Ex manu capere* contemporâneo é a desconstrução de uma atitude mental condicionada ao *dualismo* que impede o indivíduo de ocupar o próprio território mental; de exercitar sua capacidade de julgar; de perceber sua respiração; de exercitar o pensar-sentir; enfim, de se curar do trauma na condição comunicacional. No sentido metafórico desta “mão”, que “manietá”, a pessoa deseja tirar de cima de si mesma “algo” que a impossibilita de se emancipar frente ao regime de servidão. Esta tonalidade agônica da servidão voluntária (BIRMAN, 2017), onde o “poder” é delegado “ao outro” (cônjuge, Estado, Chefe, vizinho etc.), passa a se afinar com uma outra perspectiva dos estados mentais, e suas formas de existência em estado nascente, via a metodologia da Gestão Mental e um sistema complexo de manutenção diária.

CAPÍTULO 2

A Emancipação na Escola Diraqueana

*Dirac filosófico!
 Impressionante intuição física!
 Podia ter sido dragado pelo sistema, mas
 persistiu e enfrentou grandes
 “monstros” sagrados
 ainda muito jovem.
 Incomparável capacidade de criar
 nova Matemática para gerar nova Φ !
 Além de um claro posicionamento político,
 com importante consequência para a Φ .
 Prof. Helayel²⁹,
 Discípulo Diraqueano*

O físico Paul Dirac e a beleza do método ($i \gamma \cdot \partial - m$) $\psi = 0$

Este capítulo é uma sistematização das informações concatenadas ao longo de dois anos de pesquisas sobre a Escola Diraqueana, junto a um de seus discípulos que se beneficiou da **crítica genética** (GRÉSILLON, 1991)³⁰ para manter estes construtos conceituais vivo. Esta ferramenta possibilitou a discussão das ideias diraqueanas e capilarização de seu pensamento, pois seus discípulos puderam exercer o ato criativo de sua teoria com o próprio autor e através de outros documentos. Muitos destes aspectos filosóficos sobre Paul Dirac não constam formalmente nos livros didáticos, pelo foco dado ao conteúdo técnico. Como a proposta não é dissertar sobre a física como uma física de fronteira, ou realizar cruzamentos numa espécie de

²⁹ Trecho extraído da palestra *Os Transgressores - A revolução na Física do Século XX*, em 14/03/2019, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF.

³⁰ Conceito citado, pelo próprio físico, em palestra (14/03/2019) no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF. Informação adicionada ao texto no momento da revisão da dissertação. http://152.84.50.234/fisica/palestras/2019/TRANSGRESSORES_DIRAC_2019-2.pdf.

interface entre esta disciplina *dura* (exatas) e as *humanas*, sustentamos parte do conteúdo deste Capítulo na “comunicação pessoal” do Prof. J. A. Helayël-Neto que, ao longo de seu período de Doutorado seguiu aulas e participou de discussões, em várias ocasiões, com o Prof. Paul Dirac, sempre com a mediação do Prof. Abdus Salam, no International Centre for Theoretical Physics, ICTP, Trieste – Itália.

Aqui, tratamos da perspectiva filosófica do físico britânico Paul Adrien Maurice Dirac (1902-1984) e sua teoria da *beleza do método* (FARMELO, 2009), colocando em evidência a sua potência emancipatória ao mostrar que existe “física além de equações”. Este pioneiro do *Princípio da Mecânica Quântica*, considerado um gênio, e que por isso recebeu muitas premiações³¹, inclusive um Nobel de Física³², teve uma criação severa que lhe gerou uma espécie de autismo, conhecido por seus longos silêncios e identificado pela comunidade científica a tal ponto que recebeu o apelido de “the strangest man”³³ (“o homem mais estranho”), criado por Niels Bohr, o físico dinamarquês que contribuiu decisivamente para a compreensão da estrutura atômica e da física quântica. Segundo o também físico Graham Farmelo, professor adjunto da Northeastern University em Boston, em sua palestra *Paul Dirac and Mathematical Beauty*³⁴, quando o físico inglês participou de um evento em Copenhague vários de seus colegas presentes testemunharam Dirac ser um homem com um repertório de apenas duas palavras: “sim” e “não”, apesar de saber falar francês, alemão e russo.

³¹ Paul Adrien Maurice Dirac foi premiado com o Nobel de Física de 1933 (juntamente com Erwin Schrödinger), a Royal Society's Royal Medal, em 1939, a Royal Society's Copley Medal, em 1952, Max Planck Medal, também em 1952, a Helmholtz Medal em 1964 e com o Prêmio Memorial J. Robert Oppenheimer em 1969.

³² “Dirac’s work has been concerned with the mathematical and theoretical aspects of quantum mechanics. He began work on the new quantum mechanics as soon as it was introduced by Heisenberg in 1925 – independently producing a mathematical equivalent which consisted essentially of a noncommutative algebra for calculating atomic properties – and wrote a series of papers on the subject, published mainly in the Proceedings of the Royal Society, leading up to his relativistic *theory of the electron* (1928) and the theory of holes (1930). This latter theory required the existence of a positive particle having the same mass and charge as the known (negative) electron. This, the positron was discovered experimentally at a later date (1932) by C. D. Anderson, while its existence was likewise proved by Blackett and Occhialini (1933) in the phenomena of “pair production” and ‘annihilation’”. <https://www.nobelprize.org/prizes/physics/1933/dirac/biographical/>.

³³ <https://www.youtube.com/watch?v=YfYon2WdR40>.

³⁴ <https://www.perimeterinstitute.ca/videos/paul-dirac-and-religion-mathematical-beauty-0>.

O mais jovem teórico a ganhar o Prêmio Nobel de Física se mostrava socialmente inapto, incapaz de se comunicar ou criar empatia com seu entorno. Para citar um exemplo, Dirac, durante seu maior período de produtividade (1924-1934), enviava cartões postais para casa que continham apenas observações sobre o clima. Especula-se que este comportamento seja reflexo de uma infância traumática, devido à severidade disciplinar que sofria desde a mais tenra idade. A figura autoritária de seu pai, Charles Adrien Ladislas Dirac, não permitia visitas em sua residência e na hora das refeições dividia a família em duas partes: na sala Dirac falava francês com seu pai e na cozinha, sua mãe Florence Hannah Holten falava inglês com seus irmãos. Ao considerar as rigorosas punições que lhe eram aplicadas, caso cometesse algum erro gramatical da língua francesa, o jovem passou a se calar por todo tempo a fim de evitar o horror dos castigos. Manteve-se com este comportamento pelo resto de sua vida, enquanto seu irmão mais velho, Reginald Charles Felix Dirac, cometeu suicídio (FARMELO, 2009).

Em uma biografia científica da década de 90, consta uma impactante sentença onde o físico inglês descreve para sua esposa como se sentia em relação à morte de seu pai (em 1935). “Sinto-me mais livre agora”, escreveu Dirac (KRAGH, 1990). Durante a investigação foi quase inevitável olhar para a larga dimensão científica de Dirac e conecta-la com as operações psicopolíticas as quais ele foi exposto no decurso de sua merencória infância e juventude. Outra intuição que pulsou forte foi a motivação por trás desta incessante busca pela beleza, pelo poema científico. Sobre este ponto, um físico da Inglaterra publicou no jornal daquele país

“Dirac tinha uma fé "quase religiosa" de que as leis fundamentais da natureza têm essa **beleza**. Essa filosofia de trabalho, junto com seus resultados espetacularmente bem sucedidos, fez dele o *godfather* da física fundamental. (...) Em vez de se preparar para resolver problemas, seu trabalho foi uma longa busca pela "**bela** matemática" subjacente ao funcionamento do universo. Ele disse uma vez que boa parte de seu trabalho consistia em "simplesmente examinar quantidades matemáticas que os físicos usam e tentar encaixá-las de maneira interessante, independentemente de qualquer aplicação que o trabalho possa ter". Isto é um pouco como tentar escrever um poema juntando as palavras em uma ordem atraente e depois ver se ele é lido como poesia.” THE GUARDIAN³⁵

³⁵ “Physics + Dirac = poetry, Beautiful equations are as concise as haikus and as compelling as verse”. Graham Farmelo, Fev/ 2002. <https://www.theguardian.com/science/2002/feb/21/mathscienceandnature>.

“Dirac had an "almost religious" faith that nature's fundamental laws have this beauty. This working philosophy, together with its spectacularly successful results, have made him the godfather of fundamental physics(...) Rather than setting out to solve problems, his work was one long search for the "pretty mathematics" that

Tendo em vista esta marca pessoal, entendemos ser relevante dedicar uma parte deste espaço para contextualizar um pouco mais o pano de fundo de Paul Dirac e seu legado. Seu pensamento deu origem ao que se conhece hoje como Escola Diraqueana, na qual tem sua gênese o modelo padrão da *física de partículas*. Atualmente, a *física teórica de altas energias*, como também é conhecida a *física de partículas*, segue a Escola Diraqueana e seu legado persiste em universidades e centros e pesquisas espalhados pelo mundo³⁶.

Esta parte do trabalho beneficiou-se desta persistência, uma vez que dentre estes centros de pesquisas está localizado justamente no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas-CBPF, no Rio de Janeiro, sob a direção de José Abdalla Helayël-Neto, que em sua formação de doutorado e pós-doutorado na Scuola Internazionale Superiore di Studi Avanzati - SISSA, em Trieste, teve a oportunidade de conviver diretamente com Paul Dirac em cursos e intensas conversas. Ainda na Itália, Helayël-Neto participou ativamente do grupo de pesquisas de Abdus Salam, Prêmio Nobel de Física de 1979, interagindo também com Cheng-Ning Yang, Prêmio Nobel de Física de 1957. De fato, a pesquisa, como um todo, foi beneficiada pelo aceite do professor José Abdalla Helayël-Neto na participação da banca examinadora desta dissertação.

Helayël-Neto ressaltou³⁷ que esses físicos foram também filósofos, e que pautaram seus trabalhos sobre bases filosóficas e, mesmo, concepções estéticas muito nítidas, abertas a métodos que ultrapassam os métodos clássicos do experimento e da observação, aliados ao raciocínio matemático:

“O físico, em seu estudo dos fenômenos naturais, tem dois métodos para progredir: (1) o método do experimento e observação, e (2) o método do raciocínio matemático. O primeiro é apenas a coleção de dados selecionados; o último permite inferir resultados sobre experimentos que não foram realizados. Não há razão lógica para que o segundo método seja

underlies the workings of the universe. He once said that a good deal of his work consisted of "simply examining mathematical quantities that physicists use and trying to fit them together in an interesting way, regardless of any application the work may have". This is a bit like a trying to write a poem by assembling the words in an attractive order and then seeing if it reads as poetry.” **Tradução da autora.**

³⁶ Comunicação Pessoal: Entrevista de José Abdalla Helayël-Neto concedida à autora.

³⁷ Comunicação Pessoal: entrevista de José Abdalla Helayël-Neto concedida à autora.

possível, mas descobriu-se na prática que ele funciona e se encontra com razoável sucesso” (DIRAC, 1939: 1)³⁸.

É por essa formação transdisciplinar em física, filosofia e sociologia que Helayël-Neto criou o *Grupo de Pesquisa Física e Humanidades*, um projeto de extensão do CBPF, que se destina à divulgação e formação de jovens para o mundo da ciência, demonstrando a universalidade do ato de fazê-la, vale dizer, o caráter unificado das ciências da natureza, das ciências exatas, das artes, das humanidades e da vida.

Em um breve histórico, pode-se dizer que a Escola Diraqueana teve seu início num cenário científico, ainda dominado exclusivamente pelo método empírico-experimental de base galileo-newtoniana, restrito à observação de fenômenos. Esta metodologia científica limitava-se a coletar dados e aferir medidas na qual se criava matematicamente um “modelo”, através do desenvolvimento da formulação de hipóteses de trabalho referidos a essas observações e submetido à verificação. Nesta etapa final, o próximo passo é confirmar a existência de princípios capazes de estabilizar um modelo matemático que passa a ser axiomatizado e, eventualmente, a formular uma teoria³⁹.

É a partir deste ponto que a física clássica começava a fazer previsões, a última etapa do método: a pesquisa começa no experimento e termina no experimento (DIRAC, 1939). Pode-se afirmar, então, que a pergunta-chave neste método é algo como “o que fenômenos que estão sendo observados, apesar de parecerem muito distintos, possuem em comum?” Movido por uma percepção de mundo muito singular, onde a natureza possui uma qualidade matemática intrínseca e se revela, por definição, como um grande sítio arqueológico, Dirac propõe uma metodologia inversa.

Ao invés de ser um “marco de chegada”, a *abstração matemática* torna-se para ele o ponto de partida para a identificação de possíveis realidades e virtualidades.

³⁸ “The physicist, in his study of natural phenomena, has two methods of making progress: (1) the method of experiment and observation, and (2) the method of mathematical reasoning. The former is just the collection of selected data; the latter enables one to infer results about experiments that have not been performed. There is no logical reason why the second method should be possible at all, but one has found in practice that it does work and meets with reasonable success” (Dirac, 1939:1). **Tradução da autora.**

³⁹ Comunicação Pessoal: Entrevista de José Abdalla Helayël-Neto concedida à autora: Helayël-Neto considera importante ressaltar que a ideia de “modelo”, dentro deste contexto, se engessa na reprodução de algo em particular, ao passo que uma teoria abarca um universo mais amplo, que transcende o modelo e faz previsões até de situações que ainda não foram concebidas.

“Pode-se descrever a situação dizendo que o matemático joga um jogo em que ele mesmo inventa as regras enquanto o físico joga um jogo em que as regras são fornecidas pela natureza, mas com o passar do tempo torna-se cada vez mais evidente que as regras que o matemático considera interessantes são as mesmas que aquelas que a natureza escolheu” (DIRAC, 1939: 3)⁴⁰.

Estas explorações, na esfera matemática, permitem que os experimentos “construídos mentalmente” perpassem por fenômenos naturais (ditos) obscuros e avancem por investigações impossíveis de serem realizadas com aparatos tecnológicos disponíveis na era em que estas explorações de natureza abstratas são propostas. De acordo com o método de Dirac, o cientista mudaria a pergunta-chave para, que passaria a ser: “isto tem lugar na natureza ou é uma mera realidade abstrata?” (HELAYËL-NETO, 2018)⁴¹

Para Dirac, o sucesso, na prática, desse método de raciocínio matemático, que lhe permitiu realizar previsões de longo alcance, tanto no domínio da física quanto no domínio da matemática, sem colocar em valor menos superlativo o experimento “deve ser atribuído a alguma qualidade matemática na natureza, uma qualidade que o observador casual da natureza não suspeitaria, mas que, no entanto, desempenha um papel importante nos processos naturais” (DIRAC, 1939:1). Este sucesso está refletido em seus trabalhos que em três anos decisivos, produziu a elaboração do Modelo-Padrão. Os alicerces do Modelo-Padrão da Física de Partículas:

- 1925 – 1926 Dirac lança as bases da Mecânica Quântica
- 1926 – 1927 As bases da Teoria Quântica de Campos
- 1927 – 1928 As bases da Física de Partículas Elementares

Ainda hoje, matemáticos estão resolvendo desafios antecipados por Paul Dirac há cerca de 80 anos e a ciência moderna reforça a pertinência do caminho aberto pela Escola Diraqueana, onde a teoria orienta a construção de aparatos científicos complexos. Esta quebra de paradigmas fez do jovem pioneiro Dirac uma fortaleza e a comentada natureza taciturna lhe manteve firme diante de gigantes como Werner Heisenberg que chegou inclusive a

⁴⁰ “One may describe the situation by saying that the mathematician plays a game in which he himself invents the rules while the physicist plays a game in which the rules are provided by Nature, but as time goes on it becomes increasingly evident that the rules which the mathematician finds interesting are the same as those which Nature has chosen (Dirac, 1939:3)”. **Tradução da autora.**

⁴¹ Comunicação Pessoal: entrevista de José Abdalla Helayël-Neto concedida à autora.

declarar publicamente que *o capítulo mais triste da física moderna é e continua sendo a teoria de Dirac (...)* Eu considero isso um lixo de aprendizagem que ninguém pode levar a sério.⁴²

No final de 2008, por exemplo, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire - CERN), construiu o maior laboratório de física de partículas do mundo na fronteira entre a Suíça e a França, no qual é realizado o teste do modelo padrão da física de partículas no *Large Hadron Collider - LHC (Grande Colisor de Hadron)*, modelo que previu uma gama de fenômenos que ainda não haviam sido observados quando de sua formulação. Por exemplo, o *Boson de Higgs*⁴³ foi previsto 48 anos antes de sua descoberta experimental, pois quando de sua previsão ainda não havia a possibilidade de detectá-lo experimentalmente por falta de uma tecnologia adequada. Este é um exemplo contundente da práxis do modelo de Dirac, que afirma que o papel da matemática é substituir um aparelho, quando uma tecnologia ainda não está disponível.

A Emancipação na Escola Diraqueana

Na Escola Diraqueana a emancipação está justamente nesta quebra de paradigma em relação à dependência da ciência em relação à tecnologia, através, como dito, da eleição da matemática, entendendo que a natureza é a matemática e a matemática é a própria natureza, como o elemento emancipador da ciência frente ao aparato tecnológico da época. Foi assim que Paul Dirac emancipou a física através da *abstração matemática*, descartando a obrigatoriedade de aparelhos que façam medidas consideradas “legítimas” (como as realizadas por meio de microscópios, detectores, telescópicos, etc.), e começando a desenvolver uma linha de pensamento que estabeleceu a *abstração matemática* como, digamos assim, um “aparelho legítimo de medição”, de aferimento dos fenômenos da natureza (DIRAC, 1939).

⁴² <http://multimedia.ufrgs.br/conteudo/frontdaciencia/dirac%20antimatter%20paper.pdf>. “The saddest chapter of modern physics is and remains the Dirac theory...I regard it as learned trash which no one can take seriously”.

Tradução da autora.

⁴³ <https://www.epochtimes.com.br/pesquisadores-anunciam-oficialmente-a-descoberta-da-particula-boson-de-higgs/>.

Esta é uma mudança muito profunda e mesmo radical, no sentido etimológico do termo, pois liberta a ciência dos enquadramentos que tenham sido previamente observados na natureza, abrindo a possibilidade de “construção de realidades” - uma espécie de elaboração de fenômenos - que possibilita uma expansão do conhecimento face ao que já está em vigor e o que é possibilitado pela observação tecnológica, como Paul Dirac fez em relação ao pósitron, a antipartícula do elétron, prevendo-o em 1928 em sua *Equação de Dirac*, e que só teve a sua existência confirmada anos depois pelo físico norte-americano Carl David Anderson, o que lhe valeu o Nobel de Física de 1935.

É assim que Paul Dirac rompe com as limitações dos conceitos *interno* e *externo*, colocando-se em fusão com a natureza:

“Vamos agora discutir a extensão da qualidade matemática na Natureza. De acordo com o esquema mecanicista da física ou com sua modificação relativística, é necessário que a descrição completa do universo não seja apenas um sistema completo de equações de movimento, mas também um conjunto completo de condições iniciais, e é apenas para o primeiro desses que as teorias matemáticas se aplicam. Estes últimos são considerados não passíveis de tratamento teórico e podem ser determinados apenas a partir da observação” (DIRAC, 1939:4)44.

Esta proposta Diraqueana, na qual o foco não é mais o *signo* (ou seja, o conhecido) e nem a *coisa*, dialoga com a experiência de uma personalidade tradicional do mundo da ciência no século XV, o gênio italiano Leonardo da Vinci (1452-1519), uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento (1450-1527). É sabido que ele era um polímata (do grego πολυμαθής, ou seja, “aquele que aprendeu muito”), pois além de extraordinário pintor, um dos maiores de todos os tempos, de obras clássicas como o óleo *Mona Lisa* e o afresco *A Última Ceia*, da Vinci destacou-se de maneira notória por ser talvez o ser humano ocidental com a maior dotação de talentos, pois foi cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, escultor, arquiteto, botânico, poeta, músico, etc., tendo sido também, por exemplo, precursor da aviação e da balística. Sem nenhum dado prévio, sejam signos ou memórias, ele inventou tecnologias inconcebíveis para os séculos XV e XVI, como o

⁴⁴ “Let us now discuss the extent of the mathematical quality in Nature. According to the mechanistic scheme of physics or to its relativistic modification, one needs for the complete description of the universe not merely a complete system of equations of motion, but also a complete set of initial conditions, and it is only to the former of these that mathematical theories apply. The latter are considered to be not amenable to theoretical treatment and to be determinable only from observation (Dirac, 1939:4).” **Tradução da autora.**

helicóptero, o tanque, o paraquedas, a asa-delta, o uso de energia solar concentrada, a calculadora, uma rudimentar teoria de tectónica de placas, assim como o casco duplo, que levariam séculos para tomarem forma.

É muito importante lembrar o quanto a mentalidade, ou seja, a qualidade do território mental (OURIQUES, 2009) determina a vida dos povos, por ser a sua cultura seus aparelhos psicopolíticos (OURIQUES, 2017). Citaremos um exemplo clássico do sistema religioso, um dos Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1969), sobre o dogma imposto pela Igreja romana no século VII, onde os objetos celestes são apresentados como imutáveis e “que nada do que acontecia com os corpos celestes poderia ter efeito imaginável na Terra” (WICKRAMASINGHE, Chandra; IKEDA, Daisaku, 2010), refletem nesse sentido é o caso da Supernova de 1054, conhecida como *SN 1054* ou *Supernova do Caranguejo*. A supernova é um fenômeno raro, um dos eventos mais explosivos do universo e ocorre quando uma estrela massiva fica sem combustível nuclear (principalmente hidrogênio e hélio), colapsa e a matéria que a compunha é lançada no espaço a grandes velocidades em uma enorme onda de choque⁴⁵.

Em 1054, foi possível observar esta brilhante explosão da SN 1054 por 23 dias visíveis à luz do dia, porque por um longo período uma região do céu se iluminou acima da média. Este fenômeno foi registrado em cerâmicas chinesas, em rochas por índios da América do Norte e tapeçarias pelos árabes. Contudo, na Europa, ainda reside um grande mistério, porque além de não ser possível identificar observadores deste fenômeno, não há uma explicação “formal” para tal ausência de registros⁴⁶. Como afirma a ampla revisão feita sobre o tema por Stephenson e Green e publicada em 2003 pelo *Journal of Astronomical History and Heritage/Harvard*, “é nossa firme opinião de que não há evidência de convicção de que a supernova de AC1054 é relatada na literatura europeia existente”⁴⁷.

Por que não é possível encontrar tais registros na ciência que se fazia na Europa? De acordo com Helayël-Neto o tipo de ciência que se fazia na Europa durante a Idade Média estava submetida à visão de mundo teológica que afirmava que o céu era imutável. Portanto era “impossível ver a explosão”. Além disso, os europeus tinham outras prioridades e não estavam muito preocupados em observar o céu. As guerras, a fome e a peste elencavam a lista

⁴⁵ <https://www.nationalgeographic.org/thisday/jul4/supernova-1054/>.

⁴⁶ <http://adsabs.harvard.edu/full/2003JAHH....6...46S>

⁴⁷ http://adsbit.harvard.edu/cgi-bin/nph-article_query?2003JAHH....6...46S&defaultprint=YES&filetype=.pdf

de prioridades da população. Eles não estavam preparados para ver uma explosão desta magnitude no céu. À época deste grande acontecimento astronômico, a Europa passava por transformações explosivas como a cisma da Igreja Católica entre outros (MURDIN; MURDIN, 2011:7).

Se esta era a situação da episteme europeia de então, que a cegava em relação a esta supernova,

“ (...) na distante China, os astrólogos do Palácio Real dedicavam-se ao estudo do rendilhado mapa de constelações na tentativa de desvendar os insondáveis destinos da nação (...) [;] enquanto no Ocidente se contavam 88 constelações, a China encontrou 283 padrões criativos nos céus! (...) Nesse 4 de Julho [1054] (...) na constelação do Touro, um portentoso ponto brilhante no céu, que rivalizou em brilho com o Sol e a Lua, denunciava o início do término da vida de uma estrela de enorme massa. Os astrólogos chineses registraram com temor e admiração esse evento e os primeiros índios da América do Norte registraram também, nas rochas, o fenômeno. Curiosamente, na Europa da Idade Média não se encontra uma única nota, um único desenho”⁴⁸

Como a natureza do ser humano, no sentido de sua condição comunicacional (OURIQUES, 2017), é não estar condicionado a enxergar aquilo que ele não está *pronto* para *ver* ou *entender* (MERLEAU-PONTY, 1969:18), o exercício constante de “observação” e “busca” desencadeia-se em um processo de produção de construções mentais que impulsionam o ser humano a modificar de maneira não-dualista tanto a sua forma de pensar-sentir quanto as condições que experimenta e, assim, construir, sempre em rede, a *emancipação*. No caso da Escola Diraqueana, a percepção emancipada da matemática em relação à capacidade tecnológica de experimento traça uma linha tênue entre Dirac e outros físicos, até mesmo Albert Einstein (HELAYËL-NETO; OSPEDAL, 2019).

Helayël-Neto esclarece alguns pontos cruciais destes distintos modos de fazer ciência⁴⁹, distinções que não são objeto deste trabalho e por isso fizemos apenas uma referência a um exemplo específico: enquanto Einstein partia da relatividade geral, do *macro*, e criava problemas que se enquadravam na matemática já existente, entendendo a matemática como dispositivo a serviço da física, portanto apenas uma “linguagem de redação” da física; ao passo que Paul Dirac partia de uma nova cosmologia, baseada na *física de partículas* e na

⁴⁸ <http://dererummundi.blogspot.com/2011/07/quando-morte-e-bela-e-explosiva.html>.

⁴⁹ Comunicação Pessoal: entrevista de José Abdalla Helayël-Neto concedida à autora.

mecânica quântica, e assim, no *micro*, produzindo problemas e, concomitantemente, uma nova matemática para solucionar esta nova teoria física (HELAYËL-NETO, 2018).

Princípios, conceitos e práticas diraqueanas que tratam da emancipação

“A importância do trabalho de Dirac reside essencialmente em sua famosa equação de onda, que introduziu a relatividade especial na equação de Schrödinger. Levando em conta o fato de que, matematicamente falando, a teoria da relatividade e a teoria quântica não são apenas distintas uma da outra, mas também se opõem, o trabalho de Dirac pode ser considerado uma reconciliação frutífera entre as duas teorias” 50.

A diversidade da natureza como uma representação, ou manifestação, de uma alteridade é um princípio que justifica o aparecimento de diversas partículas. Estas estruturas fundamentais nascem de uma unidade, para depois se combinarem e promoverem a pluralidade na “vida real”. O exemplo prático do físico Helayël-Neto, que tem também formação musical, desta “combinação e recombinação” é o sistema tonal da música, que a partir de sete notas musicais, ou doze tons e semitons, foram e são criadas todas as músicas.

Em 1928, em seu início, a Escola Diraqueana começa, através de artigos, a estruturar sua forma própria de fazer física, onde o conhecimento que se tinha da Teoria da Relatividade se funde com a Mecânica Quântica, emancipando-as de um dualismo que as fragmentava. Na ausência de princípios estruturados por Paul Dirac, analisamos agora um recorte de três conceitos considerados basilares:

- Simetria
- Reduccionismo/Unificação
- O Vácuo Quântico/Partículas

Simetria

⁵⁰ “The importance of Dirac’s work lies essentially in his famous wave equation, which introduced special relativity into Schrödinger’s equation. Taking into account the fact that, mathematically speaking, relativity theory and quantum theory are not only distinct from each other, but also oppose each other, Dirac’s work could be considered a fruitful reconciliation between the two theories.” Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/physics/1933/dirac/biographical/>. **Tradução da autora.**

A simetria coordena as interações⁵¹, criando os objetos e depois suas interações. É assim que a busca pela simetria é a busca por padrões de compreensão da base e, por isso, os estudos apontam a simetria como um dos conceitos mais importantes do legado Diraqueano e é definida por Helayël-Neto como um conceito abstrato que tem representações no mundo real.

Por sua vez, entende-se que este conceito valida o pano de fundo do pensamento Diraqueano ao propor uma unificação das referidas teorias, desenvolvendo um sistema filosófico refinado, investigando semelhanças entre elementos da natureza que de início se revelam muito distintas. Por exemplo, Dirac tenta investigar se há semelhanças entre elétrons e prótons, pois o elétron possui propriedades que o próton não tem e vice-versa, concebendo estes fenômenos como sendo representações distintas de uma única entidade-matriz. É a unificação que cria padrões de simetria.

Reduccionismo/Unificação

O conceito de unificação permeia as manifestações - ou representações - e não está relacionado com “unir fragmentos desconexos da natureza”. Significa dar uma descrição única para fenômenos que aparentemente diferem entre si, gerando uma única equação para descrever (ao mesmo tempo) eventos distintos sem torná-los o mesmo (HELAYËL-NETO, 2005). Na física clássica de Isaac Newton (1643-1727), podemos observar que isso ocorre, quando o físico unifica a física que rege o movimento da terra em torno do sol e a física do lançamento de uma pedra ou a queda de uma maçã. Ele afirmava que os processos físicos são os mesmos, ou seja, o que mantém o planeta na órbita e o que mantém a pedra fazendo o arco de lançamento, é a mesma física.

Os princípios matemáticos da filosofia natural (*Principia*) de Isaac Newton é uma das obras na ciência que mais mudaram a nossa maneira de olhar para o universo. Com ela, a compreensão do mundo que era fragmentada em uma física terrestre e uma física celeste, seria formada pelos ensinamentos de uma nova e única física, construída a partir dos conceitos e axiomas apresentados pela referida obra (OLIVEIRA, 2015:4).

⁵¹ Comunicação Pessoal: entrevista de José Abdalla Helayël-Neto concedida à autora: A simetria é uma qualidade que um dado sistema tem de não se alterar quando submetido a uma transformação ou a um conjunto de transformações feitas sobre o mesmo.

Como se sabe, um século mais tarde, o físico e matemático britânico James Clerk Maxwell (1831-1879) percebe que havia uma matriz comum, uma única força, que Maxwell nomeia de força eletromagnética:

“Sem sombra de dúvida, a principal contribuição de Maxwell foi (...) o tratamento matemático das linhas de força, um conceito introduzido por Faraday para visualizar fenômenos eletromagnéticos. Quando Maxwell percebeu as conexões entre campo elétrico e campo magnético, através das leis de Gauss, de Ampère e de Faraday, ele enunciou, por volta de 1864, a possibilidade de ondas eletromagnéticas”⁵².

Embora haja o ímã não possua uma “carga” (pois não dá choque), ele mostra que suas propriedades diferem entre si, mas a origem é a mesma: em um dado momento se comporta como eletricidade e, em outro, como magnetismo.

Vácuo Quântico

Se a visão reducionista contempla a simplicidade de uma única matriz, com diferentes composições de uma mesma estrutura, a linha de pensamento emancipado de Paul Dirac nos amplia com este olhar por acolher diversas formas de representações como manifestações de uma única estrutura, quebrando dualismos e produzindo uma teoria física enriquecedora acadêmica e socialmente (HELAYËL-NETO, 2008).

Neste século, estão disponíveis dados que revelam um grande enigma⁵³. É o caso de se saber que são 100 bilhões de aglomerados de galáxias, 13 bilhões e 700 milhões de anos desde o surgimento desta complexidade, matéria atômica formada após 400 mil anos, e elementos como hidrogênio, lítio, etc., e as estrelas. Porém, apenas 4% deste universo é conhecido pela ciência, pois 70% dele é composto por energia escura ainda não compreendida e por 26% de matéria escura ainda sequer identificada (DAMINELI; STEINER, 2010).

Voltando ao início do século XX, encontramos Paul Dirac diante de uma realidade tecnológica imensamente inferior a que permitiu a coleta dos citados dados e, mesmo assim, debruçado na investigação no campo da física fundamental, obtendo êxito em unificar a Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica.

⁵² Cf. <https://www.if.ufrgs.br/tex/fis142/fismod/verbetes/maxwell.html>.

⁵³ Dados coletados pelo telescópio Planck, em 2014, que definem o atual panorama do universo.

Foi o resultado destes estudos revolucionários que conduziu o pesquisador em 1929 à formular o *Vácuo Quântico*, o *mar de Dirac*, que, como lembra Helayël-Neto, a despeito dos experimentos concretos desenvolvidos desde então ao longo destes 90 anos afirmarem sua existência, suas estruturas formadoras ainda são um grande desafio para a ciência, como uma riquíssima estrutura matriz das partículas (neutrinos, elétrons, quarks), plena em substâncias e com um estado de natureza que possui uma dinâmica própria ainda não conhecida pela física. Mas identificada por Paul Dirac graças a seu método emancipado (HELAYËL-NETO; OSPEDAL, 2019).

CAPÍTULO 3

A Emancipação na Filosofia de Daisaku Ikeda

Antes de tudo, é preciso esclarecer que o Buda não é um deus, e nem remete a uma pessoa apenas, apesar de Sidarta, o Gautama, ser a principal referência histórica para o reconhecimento do potencial inato da realidade atingida nessa condição. (...) Buda é um título, que traduz todos aqueles seres que alcançaram a realização espiritual, ou iluminação, tornando-se exemplo para os demais que, no entanto, devem trilhar o caminho por si, ao encontro da condição búdica que habita a sua própria natureza. Portanto, a reflexão búdica (...) é uma das condições para o caminho que leva à compreensão de si e, conseqüentemente, do significado da atuação coletiva neste mundo. (LAGOA, 2015)

A Filosofia Ikeda pode ser, normalmente, lida em pelo menos duas chaves, filosófica e religiosa. O pensamento do filósofo japonês Daisaku Ikeda, que se tornou um erudito em estudos Budistas, tem como base de sua investigação a linhagem da escola budista de Nichiren Daishonin. Esta escola é uma entre os milhares de desdobramentos da episteme fundada pelo príncipe indiano Siddhārtha Gautama⁵⁴, dois mil e quinhentos anos antes da Era Comum, que apesar do aspecto milenar somente a partir do século III da Era Comum a palavra *Buda* surge na Grécia (DILLON, 2000:526)⁵⁵ e no século XIX⁵⁶, *Budismo* no inglês. Por ser uma discussão recente, há um constante debate na definição destas terminologias. A

⁵⁴ " (...) nasceu numa localidade próxima da atual fronteira entre a Índia e o Nepal, na localidade de Lumbini, em atual território nepalês, no período de florescimento de grandes conglomerados urbanos, momento de grande prosperidade material no qual emergiram "Estados" organizados, no forma de monarquias e repúblicas e em que se prosperava o comércio. A datação exata de sua vida, entretanto, é complexa. Os textos canônicos afirmam que ele viveu cerca de oitenta anos, tendo provavelmente morrido por volta de 405 a.C." (GOMBRICHI, 2009).

⁵⁵ Página 551: Clement of Alexandria, Stromata 1.15.71-72: "There are some Indians who follow the precepts of Boutta, whom out of excessive piety they honor as a god." (Há alguns índios que seguem os preceitos de Boutta, que por piedade excessiva honram como deus.) **Tradução da autora.**

⁵⁶ A pesquisadora não obteve sucesso em encontrar fontes fidedignas "abertas", na internet. O mais próximo foi o site americano *Stack Exchange network* consiste na maior e mais confiável comunidade on-line para desenvolvedores e nela é possível compartilhar e construir conhecimentos. Em relação a afirmação da terminologia da palavra "budismo" extraímos esta informação:

"The Buddha introduced his "religion" as Dhamma-Vinaya (Teaching & Discipline) and there is also the use of Buddha Sasana (the teaching of the Buddha). The "ism"-isation is actually already against his teachings, (...) "Buddhism" firstly came up about 1850 in UK." (O Buda introduziu sua "religião" como Dhamma-Vinaya (Ensino e Disciplina) e também há o uso do Buda Sasana (o ensino do Buda). O "ismo" -isation é na verdade já contra seus ensinamentos, (...)"Budismo" surgiu por volta de 1850 no Reino Unido.) **Tradução da autora.**

Enciclopédia Britânica, por exemplo, traz em seu verbete "Buddhism" as palavras religião e filosofia⁵⁷.

Nesta conjuntura, percebemos que há uma linearidade no campo semântico de "religião": dela desdobram-se representações, valores, condutas, práticas sociais, normas e regras que conduzem as sociedades por séculos (LIMA, 2016). Esta pesquisa optou por investigar a Filosofia Ikeda como um sistema de pensamento, portanto, como uma filosofia, seguindo de certa forma o rastro do ensaísta, romancista, membro da Royal Society de Literatura e ganhador do prêmio Windham-Campbell de 2014 indiano Pankaj Mishra⁵⁸, autor da clássica biografia *An End To Suffering The Buddha* ("Um Fim para todo Sofrimento"). Em depoimento, ele afirma:

Durante muito tempo, eu identifiquei o Buda como religião. Só que "religião" é algo que não é bem aceito na minha geração [50 anos de idade] na Índia, mas comecei a perceber que sua mensagem não era sobre um Deus que você tem que obedecer ou regras que você tem que seguir. Era uma filosofia muito sutil. Eram ideias. Um diagnóstico da condição humana. Isso me interessou: um homem, 2.500 anos atrás, pensando seriamente sobre problemas existenciais e não sobre religiões ou como criar novos tipos de autoridade?!⁵⁹

Na esteira desse pensamento, a religião opera num *modus vivendi* posto que configura uma "cosmovisão", alicerçando formas de pensar, agir e sentir em coletividade. Trata-se, pois, de um problema, para além de filosófico, antropológico, portanto, trazemos Karl Marx novamente para esta discussão, pois em sua *Crítica da filosofia do direito de Hegel* considera que "toda crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica" (MARX, 2013). Prossegue, afirmando que:

⁵⁷ <https://www.britannica.com/topic/Buddhism>. "Buddhism, religion and philosophy that developed from the teachings of the Buddha (Sanskrit: "Awakened One"), a teacher who lived in northern India between the mid-6th and mid-4th centuries BCE (before the Common Era)." ("Budismo, religião e filosofia que se desenvolveram a partir dos ensinamentos do Buda (Sânscrito: "Despertado"), um mestre que viveu no norte da Índia entre meados do século 6 e meados do século IV aC (antes da Era Comum)". **Tradução da autora.**

⁵⁸ <http://www.pankajmishra.com/about/>.

⁵⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=v8nyxOFWRe4>.

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. (*Id.*).

Como nota o filósofo alemão Karl Jasper (1951)⁶⁰, a filosofia como aquela lida com “todo o ser, que diz respeito ao homem como homem, com uma verdade que, onde quer que se manifeste, nos move mais profundamente do que qualquer conhecimento científico (...) Emerge antes de qualquer ciência, onde quer que os homens alcancem a **consciência**”. No livro sobre a interpretação biográfica de Siddhārtha Gautama, Daisaku Ikeda se refere às características do povo indiano como *filosófico e meditativo* por natureza (IKEDA, 1976:13). Neste sentido, dentro do trânsito “filosofia x religião”, assumimos, aqui, os termos filosofia e filósofos

LIST OF NAMES. II CHINA AND INDIA

(...) Indian Philosophy

Upanishads (roughly 1000-400 B.C.); Pali Canon of Buddhism;
texts from the Mahabharata (1st century B.C.). Bhagavad-Gita, etc.;

Kautilya's Arthashastra; Shankara (9th century A.D.)

(JASPERS, 1951)

Entendemos que este recorte teórico não encerra a polêmica em torno das classificações e entendimentos que pulsam no rigor acadêmico, pois não há uma maneira única ou unívoca de existir devido a organicidade do tema, e que não ignoramos outro ponto crucial, para a conclusão da nossa investigação, que são as traduções dos documentos históricos. Centros de estudos, como Oxford Centre for Buddhist Studies, verificaram que os textos do cânone Budista são manuscritos Pali datados a cerca de 500 anos atrás (em sua maioria, menos de 300) e, frequentemente, ao longo de muitos séculos no curso da transmissão oral e escrita, os que os textos estejam sujeitos a inevitáveis equívocos de tradução e interpretação (GOMBRICHI, 1996).

⁶⁰ Para Jaspers, a filosofia tem seu início em três lugares distintos no mundo, isto é: China, Índia e Grécia. (REDYSON, 2010)

Siddhārtha Gautama ou Shakyamuni, o Sábio dos Shakyas

Dito isto, muito sucintamente, seguimos com a narrativa do tradicional contexto da história sobre a vida de Siddhārtha Gautama. Devido à morte prematura de sua mãe⁶¹, Shakyamuni (o Sábio dos Shakyas⁶² como também era conhecido), a transitoriedade da vida em seu inevitável ciclo de nascimento, velhice, doença e morte, os quatro sofrimentos, passou a ser para ele a questão de sua existência, levando-o inclusive a renunciar ao trono. Qual seria a gênese comportamental de sua reação contrária aos quatro sofrimentos se nenhuma pessoa pode deles escapar? (IKEDA, 1976:20). Receoso de sua tendência filosófica, seu pai, o Rei Śuddhodana, ordenou rigorosamente aos súditos que não permitissem a saída do filho para além dos muros do palácio. Ele deveria ser criado sem nenhuma referência do *mundo real* e, entre 16 ou 19 anos, os registros históricos e populares sobre aqueles fatos são imprecisos, o rei providenciou seu casamento com a prima Yashodhara. Todos os esforços do rei foram em vão ao final, e após uma vida marital que parece ter durado até ele completar 29 anos, e na qual teria tido um filho, Siddhārtha renunciou a sua posição de herdeiro do trono e saiu do palácio para tratar de suas inquietações radicais em uma vida ascética e mendicante, com largos períodos experimentando a fundo muitas e diversas práticas ascéticas, incluindo auto mortificações, práticas meditativas muito profundas e eficientes e jejuns quase até a morte. Pelo que consta, Siddhārtha abandonava sucessivamente tais práticas trocando-as por outras, com uma grande entrega a cada uma delas (GAARDER, 2000).

O que é possível aqui, portanto, é sublinhar que em estado de definhamento pelas extremadas práticas de austeridade as quais se entregava, como a mortificação da carne,

Tapas em sânscrito. Era o método consagrado pelo tempo de tentar obter poderes sobrenaturais e objetivos supranormais. Foi praticado na Índia desde os primeiros tempos até os dias atuais. O asceta submetia-se a extremos de calor (o significado básico de *tapas*) e frio, fome e sede, e cortejava todo tipo de desconforto, notavelmente por não se lavar (GOMBRICHI, 1988)⁶³

⁶¹ Rainha Maya Devi que faleceu uma semana após ter dado à luz o príncipe.

⁶² Clã dos Shakyas, habitantes de Shakya, uma região no sul do atual Nepal.

⁶³ “Mortification of the flesh, *tapas* in Sanskrit, was the time-honored method of trying to obtain supernormal powers and supra-mundane goals. It has been practiced in India from the earliest times to the present day. The ascetic subjected himself to extremes of heat (the basic meaning of *tapas*) and cold, hunger and thirst, and courted every kind of discomfort, notably by not washing.” Tradução da autora.

Siddhārtha acaba por abandoná-las e dirige-se a uma floresta, prática comum de sua época, mudando a sua metodologia de busca pela *plena consciência*, e entra em profunda meditação. Após algum tempo nesta imersão (não há registro oficialmente preciso deste período de tempo), esta forma de profunda autocontemplação o fez transcender e lograr na condição que tanto almejava. A história é longa e muito complexa, muito mais longa e complexa que se possa imaginar, e ainda mais longa e complexa quando se leva em conta que se trata de uma outra e radicalmente distinta episteme, que ademais foi posta atrás do muro chamado Oriente, inventado pelo Ocidente hegemônico (SAID, 1990).

Assim, toco aqui com muito cuidado e humildade este tema imensamente vasto que demanda um futuro de continuidade de pesquisas em níveis muito mais aprofundados de leitura dos pertinentes a esta dissertação, que objetiva trazer à luz recursos teóricos e metodológicos capazes de fortalecer as operações psicopolíticas, em sua capacidade emancipatória, e pergunto qual a relação deste processo com a emancipação, como até aqui tratada, aos sofrimentos inerentes à vida?

Budologia e Período Axial

Ambas as concepções, teórica e metodológica, como ferramentas para o fortalecimento da capacidade emancipatória, implicam num posicionamento ontológico, cultural e social, pois a formulação de uma resposta para esta “relação” vai depender da ontologia e epistemologia na qual se apoiarão os argumentos que cabem no contexto deste Capítulo: “eurocêtricos” ou “budocêtricos”? (SANTOS, 2018). A que “sofrimentos inerentes à vida” nos referiremos especificamente? Seriam os quatro sofrimentos do ciclo de nascimento, velhice, doença e morte ou os sofrimentos causados pelos três estados mentais da ignorância, do ódio e da ganância ⁶⁴?

O eurocentrismo demanda uma incondicionalidade diante da aquisição do saber científico, adotado pelo projeto Iluminista Europeu, que legitimou o conhecimento científico e a racionalidade como um caminho único, além de articular a obliteração de tudo quanto é

⁶⁴ Os três venenos ou os três estados mentais da ignorância (de que o ser humano é comunicação), do ódio (a ausência da comunicação) e da ganância (com a qual o sujeito, em sua fraqueza extrema gerada pela ignorância, interpõe objetos entre si e a “lacuna sinistra”, a forma aterrorizante como a ignorância percebe o fluxo vital do aparecimento e desaparecimento, no qual a condição humana, submetida à condição atávica de medo frente à besta que habita em cada ser humano, recusa-se à coragem frente ao tempo e à finitude, no sentido nietzscheano). (OURIQUES, 2017b: 123)

não científico ou irracional (na “tentativa de vencer a escuridão”). Por outro lado, o projeto Iluminista Búdico vem atravessando eras com a promessa de uma “revolução interior”, da busca pelo autoconhecimento, dobrando-se sobre “o pressuposto de que conhecemos o mundo uma vez que nos conheçamos a nós” (SANTOS, 2018).

No sentido que desenvolvemos a partir de Boaventura Sousa Santos (2010), entendemos a palavra “incondicionalidade” interligada à atitude epistemicida⁶⁵ do Ocidente hegemônico (SANTOS, 2010 *Apud*. OURIQUES, 2016a) e que promove uma falsa percepção de liberdade - por criar demandas exclusivistas da forma “verdadeira” de conhecimento e de racionalidade - com adesão irrestrita. À luz do sociólogo

A incondicionalidade dessas demandas tem como premissa a incondicionalidade das causas que as orientam. E causas incondicionais levam logicamente a consequências incondicionalmente positivas. Aqui reside a fatal debilidade dessa força tão extrema, o seu calcanhar de Aquiles. Tomar como base uma concepção única de conhecimento e de racionalidade social exige que se sacrifique tudo aquilo que não lhe é conforme. A natureza sacrificial desta confiança reside em que a tolerância e a fraternidade decorrentes da celebração da liberdade e da autonomia contêm em si a fatal incapacidade de distinguir coerção e servidão de modos alternativos de ser livre ou autónomo. (SANTOS, 2018)

Parece tratar, portanto, de uma conversa unilateralmente imposta pela hegemonia, combatendo apenas o efeito e alimentando um ciclo fascista (mesmo que de baixa intensidade). Permita-nos, então, realizar uma desdobra desta ideia que caminha a passos largos de encontro ao entendimento da filosofia de Shakyamuni. Em sua cosmovisão não há efeito sem causa, não há liberdade exclusivista, nem exclusão de epistemes. Modernamente, essa "visão" pode ser lida, de forma sintetizada na obra do Cânone Budista como *Quatro Nobres Verdades*, que são o cerne dos ensinamentos budistas: a *Realidade do Sofrimento*; a *Realidade da Origem do Sofrimento*; a *Realidade da Cessação do Sofrimento*; e a *Realidade do Caminho para a Cessação do Sofrimento*. Esta Quarta Nobre Verdade do Budismo abre-se no *Nobre Caminho Óctuplo: Compreensão Correta; Pensamento Correto; Fala Correta;*

⁶⁵ “Ao fugir dualisticamente do perigo da unidade – como princípio da adequação à uma essência, e apostar na multiplicidade isenta de semelhança – o Ocidente tende a eliminar a investigação de ontologias não-essencialistas e se torna de fato a unidade opressiva que pretendeu nominalmente superar. Institui-se como epistemicida, como lembra Boaventura de Sousa Santos (2010); pois o “mal” seria sempre (...) a característica exclusiva do outro. Seja ele nomeado de “primitivo”, de “terrorista” (Del Valle, 2013 & 2014; Corte Interamericana de Direitos Humanos, 2014), de “corrupto”, ou mesmo, lamentavelmente para tantos que sacrificam com sinceridade suas vidas a esta visão, de “capitalistas”, de “patrões”; ou ao conceito que se queira usar na ocasião, e que mantém (...) o referido regime de servidão.” (OURIQUES, 2016a)

Ação Correta; Meio de Vida Correto; Esforço Correto; Atenção Correta; Concentração Correta. O Nobre Caminho Óctuplo, por sua vez, está incluído nos três agregados: *virtude, concentração e discernimento* (REDEYSON, 2014).

Ambos [forma “verdadeira” de conhecimento e de racionalidade] são concebidos como inimigos da liberdade e da autonomia e, logicamente, tratados com desapiedada intolerância e violência. É esse o impulso atávico que subjaz à construção iluminista da humanidade “universal” e o impele a sacrificar alguns humanos, banindo-os da categoria do humano, como o antigo bode expiatório abandonado no deserto. Isso explica a razão pela qual os direitos humanos podem ser violados em nome dos direitos humanos, a democracia pode ser destruída em nome da democracia e a morte pode ser celebrada em nome da vida (BATISTA, 2017).

Em Fábio Konder Comparato (1999) buscamos inspiração na obra *A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos* do sentido político que este diálogo, sobre o fortalecimento da condição comunicacional, parece situar a história dos direitos como expressão maior da busca de emancipação pela humanidade e levanta justamente este questionamento, numa visão mais sistêmica, desde quando *o ser humano tem consciência de sua natureza e a partir de que momento essa consciência provoca a construção de mecanismos, chamados direitos, voltados a assegurar que a condição humana não seja degradada.*

“A educação em direitos humanos chama a atenção para tais predisposições inconscientes, que alimentam a discriminação. Nesse sentido, ela oferece às pessoas a oportunidade de refletir sobre seu comportamento cotidiano. Em nossas ações para promover a Educação em Direitos Humanos, a SGI, enfatiza o tipo de capacitação e conscientização que restaura a dignidade de todas as pessoas e constrói uma sociedade pluralista e inclusiva.” Daisaku Ikeda (2018a)

Essa busca pelos direitos humanos, pela conscientização, pela dignidade da vida e por todos estes elementos que fortalecem a condição comunicacional do ser humano, aparece em vários ciclos da história. Aqui, reportaremos uma que nos chamou atenção por ser o período em que Siddhārtha Gautama aparece na maioria dos Cânones Budistas. Esta espécie de tempo-eixo é o “período axial” que se situa, aproximadamente, entre os séculos VII e II a.C. (JARSPER, 1951).

Foi nesse período de “Zaratustra na Pérsia, Buda na Índia, Confúcio na China, Pitágoras na Grécia e o Dêutero-Isaías em Israel”, somados a Homero, Maomé, Sófocles, Sócrates, Platão, os estóicos e tantos outros, que “o ser humano passa a ser considerado [...] em sua igualdade essencial, como ser dotado de liberdade e razão, não obstante as múltiplas diferenças de sexo, raça, religião ou costumes sociais. Lançam-se, assim, os

fundamentos intelectuais [...] para a afirmação de direitos universais” (VIEIRA, 2001)

Contudo, diferentemente de Sócrates, que surgiu neste mesmo período na Grécia, a experiência do príncipe Shakyamuni, não se apoiou no entendimento comum de razão ou intelecto, normalmente restrita à razão instrumental em detrimento das razões axiomática e cognitiva (OURIQUES, 2012c)⁶⁶, como instrumento de acesso à ela, porque não se tratava de descobrir intelectualmente. Este contato íntimo, pessoal e intransferível vai além de uma solução intelectual para o enigma da existência e busca atingir através da mente, parece, o *Real* ao qual se refere, como referido no Capítulo 1, Nicolescu, que o define como o que permanece sempre velado, em oposição à *Realidade*.

O pensamento do filósofo grego Sócrates (469-399 a.C.) marca uma reviravolta na história humana. Até então, a filosofia procurava explicar o mundo baseada na observação das forças da natureza. Com Sócrates, o ser humano voltou-se para si mesmo. Como diria mais tarde o pensador romano Cícero, coube ao grego "trazer a filosofia do céu para a terra" e concentrá-la no homem e em sua alma (em grego, a psique). A preocupação de Sócrates era levar as pessoas, por meio do autoconhecimento, à sabedoria e à prática do bem. (FERRARI, 2008)

Neste sentido, o processo meditativo parece não ter sido atravessado apenas por uma reflexão “intelectual” que objetiva resolver especificamente um assunto, nem foi um método de “relaxamento” e muito menos um parêntese de “vazio” numa vida “ativa”. Segundo a descrição do próprio Siddhārtha, ela se refere ao estabelecimento de uma capacidade mentalmente harmoniosa diante das perturbações externas e internas à vida, capacidade que não se limita a limpar a mente de pensamentos-afetos, no sentido de esvaziá-la, mas sim de observá-los sem apego (LENOIR, 2012), indo além do superficial e mostrando, aspecto dos fenômenos que seria o *verdadeiro*. Desta forma, cerca de cinco séculos antes da Era Comum, um novo sistema filosófico, baseado em outra ontologia e epistemologia, tomou forma frente à impermanência de todas as coisas e seu único desiderato era

(...) algo para nos ensinar, ainda que fosse a estreiteza de nossas ideias adultas. Entre o Oriente e o Ocidente, assim como entre a criança e o adulto, a relação não é a da ignorância com o saber, da não filosofia com a filosofia; ela é muito mais sutil, admite, da parte do Oriente, todas as antecipações, todas as “prematurações”. A unidade do espírito humano não

⁶⁶ Entende-se como razão axiomática aquilo que é feito e sempre foi feito de forma que funcione e a razão cognitiva como a razão do conhecimento.

se realizará por adesão simples e subordinação da “não-filosofia” à filosofia verdadeira. Ela já existe nas relações laterais de cada cultura com as outras, nos ecos que uma desperta na outra. (...) A filosofia ocidental pode aprender com elas (filosofias orientais) a reencontrar a relação com o ser, a opção inicial de que nasceu, a medir as possibilidades para as quais nos fechamos tornando-nos “ocidentais” e, talvez, reabri-las. É por isso que devemos fazer o Oriente comparecer ao museu das filosofias célebres, e, não podendo dar-lhe o espaço que um estudo detalhado exigiria, preferimos às generalidades algumas amostras um tanto precisas, nas quais o leitor discernirá talvez a secreta, a surda contribuição do Oriente à filosofia. (MERLEAU-PONTY, 1991)

Grande Mestre Tient'ai, Dengyō Daishi

Dentre a complexidade ocorrida nos séculos subsequentes, cito apenas três figuras históricas de destaque na continuidade desta linha filosófica e que nos trarão à Filosofia Ikeda. Em 538, nasceu na China um dos mais importantes eruditos budistas daquele hoje país, o *Grande Mestre Tient'ai*, que, em termos atuais, poderia talvez ser comparado a um renomado pesquisador. Ele tornou-se um especialista deste novo sistema filosófico, e criou a escola *Tient'ai* em seu processo de resgatar para a China o pensamento de Siddhārtha Gautama, que já havia se perdido na vida diária e ensinar novamente, e das maneiras refinadas que sistematizou, que esta condição de *Plena Consciência* estava ao alcance de todos e não apenas das autoridades religiosas e seus respectivos discipulados (Síntese do Budismo, 2003).

Atraído por esta profunda reforma, e tendo viajado para a China quase três séculos depois, outro erudito, o japonês Dengyō Daishi, título que recebeu postumamente, funda a escola *Tendai* no Japão. Esta linha de ensino teórico era de difícil compreensão, devido ao alto grau de erudição, e ficava restrito a um número limitado de pessoas. No Japão do século XIII, como anteriormente referido na China, o Budismo já havia se perdido em meio as inúmeras vertentes difundidas (Síntese do Budismo, 2003).

Nichiren Daishonin

Em 1222 surge o jovem sacerdote e teórico Nichiren Daishonin que dedica 22 anos de estudos a respeito, percorrendo templos e mosteiros a fim de pesquisar as principais filosofias

que explicassem o valor da vida. Em 1253, este emergente filósofo japonês anuncia o *Sutra do Lótus*, um dos mais populares e influentes do Budismo Mahayana, como a linha mais pura e adequada do sistema de pensamento de Shakyamuni, afirmação feita por muitas variedades budistas. No entanto, Nichiren Daishonin afirma que o cerne do *Sutra do Lótus dos 28 capítulos* está condensado em seu título (Nam) *Myoho Renge Kyo* (IKEDA, 2018b).

Para ele, a *Lei Mística* ou *Myoho*, tem a capacidade de atuar na simultaneidade de *Renge* ou *causa* e *efeito* e agir em todos os fenômenos ou *Kyo* da vida. Ao acrescentar o prefixo devocional *Nam* na frente do título *Myoho Renge Kyo* Nichiren Daishonin, como explicou, procurou sintonizar o sujeito de forma direta com a *Lei Mística (Dharma)*⁶⁷ e sem *misticismo*⁶⁸. Esta ideia foi revolucionária em termos de popularização, porque liberou as pessoas das inúmeras austeridades e outras práticas complexas e rigorosas e acabou por estabelecer um caminho ameaçador para o poder dos então governantes feudais e seus aliados do clero.

Assim, nasceu o *Budismo de Nichiren Daishonin*, como ficou conhecido. Ele resgata para o Japão o princípio do referido *Sutra do Lótus*, para Nichiren a própria corporificação do *Dharma*, este conceito-chave sânscrito nas religiões hinduístas, e praticamente sem equivalente nas línguas ocidentais, pois ajusta seu sentido dependendo do contexto em que é usado assim como evoluiu no tempo. Em resumo pode-se dizer que *Dharma* fala da doutrina moral sobre os direitos e deveres de cada ser humano, tanto no campo da espiritualidade quanto em sua aplicação no comportamento cotidiano, pessoal e social. Estes ensinamentos permaneceram confinados nos templos por setecentos anos, monopolizados pelo clero.

Tsuneshaburo Makiguchi

Faremos um salto quântico, dos feudos medievais para a modernidade, a virada do século XIX para o século XX, era de grandes contrastes políticos e principalmente culturais no Japão e no mundo, entra em cena a Era Meiji (1868-1912) e seus principais desdobramentos no período Taisho (1912-1926). Neste momento, o que se visava era a construção de um país moderno, em particular a política e a economia.

⁶⁷ <https://www.nichirenlibrary.org/en/dic/Content/M/156>.

⁶⁸ "Misticismo" relativo à disposição para crer no sobrenatural. <https://dicionariodoaurelio.com/misticismo>.

O historiador, escritor e professor de Relações Internacionais, André Sena, afirma em seu blog

Entretanto, no campo da Cultura o país do sol nascente atravessava uma série de tensões entre grupos modernistas e ocidentalizantes e outras mais tradicionalistas que resistiam a mudanças em termos de valores e comportamento. A questão educacional aparece exatamente como refém deste processo e **Tsunesaburo Makiguchi** aparece neste contexto como uma espécie de luz no fim do túnel; exatamente por isso este pensador e porque não dizer filósofo da educação foi muito contestado, muitas vezes até ignorado, mas também profundamente apreciado por nomes muito importantes da história da educação japonesa anteriores a Segunda Guerra Mundial.⁶⁹

Ele se refere ao autor do livro *Educação para uma Vida Criativa*, o educador japonês Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944). Esta obra gira em torno de dois grandes eixos conceituais:

• **a Educação como propósito**; aqui Makiguti introduz uma questão da mais alta monta: a da finalidade (telos) no processo educativo (o que na verdade perpassa todo o livro!). Finalidade no sentido de objetivo a ser atingido. **Com isso Makiguti desloca o eixo da educação de uma simples atitude contemplativa** (bem típica de sua época, onde o processo educativo estava profundamente enraizado na filosofia confuciana sino-japonesa e com a qual o autor deseja o tempo todo romper) **para uma atitude criativa** (evidentemente associada ao conceito grego de *poiesis* de criação e não apenas de criatividade).

• **a ideia de felicidade como objetivo do processo educacional**: Makiguti discorre longa e belamente sobre alguns importantes conceitos de felicidade que deseja abordar, distanciando-se delicadamente da abordagem filosófica por excelência e aproximando-se de uma apropriação conceitual mais sociológica. (SENNÁ, 2011) (grifo nosso)

No contexto do início do século, o principal investimento foi nos currículos de formação profissional, imediatamente criticados por John Dewey que sustentou que o currículo direcionado apenas para a eficiência técnica tornava a educação "um instrumento de perpetuação inalterando a ordem da sociedade existente, em vez de funcionar como um meio de sua transformação" (PARASKEVA, 2011, pp. 48, 119-122)

Josei Toda

⁶⁹ <https://voltandoaopontoprimal.wordpress.com/2011/09/18/o-pensamento-utopico-de-tsunesaburo-makiguti-1/>

Assim, Makiguchi, junto com outros educadores, e principalmente com seu braço direito, Jossei Toda, cria a Teoria do Valor, fundando a *Soka Kyoiku Gakkai* (Sistema Educacional para Criação de Valores Humanos), baseada em uma atitude criativa frente à vida, envolvendo diretamente a felicidade do sujeito como uma construção permanente e não um instante a ser alcançado no futuro (IKEDA, 2017).

Foi portanto entre 1930 e 1945 que Makiguchi e Toda levaram adiante a *Soka Kyoiku Gakkai* em meio as pessoas comuns e com este embasamento propôs uma profunda reforma na educação com o objetivo de valorizar o que viria a se tornar com Daisaku Ikeda, que os sucedeu, o conceito da **Dignidade da Vida**. No entanto, já em 1937 com 500 famílias associadas a este trabalho, eles se veem envolvidos pela entrada do Japão na Segunda Guerra, e no fato de que todos os cidadãos japoneses foram obrigados a aderir ao Xintoísmo de caráter estatal. Ambos foram encarcerados no auge do movimento que lideravam por não aceitarem o talismã xintoísta (IKEDA, 2018b).

Daisaku Ikeda e a dignidade da vida

A morte na prisão do fundador do Sistema Educacional para Criação de Valores Humanos, em decorrência dos maus tratos, desnutrição e idade avançada, bem como as torturas infligidas àquele que tornou-se então sucessor de Tsunessaburo Makiguchi, acabaram com a antiga estrutura que haviam criado. Ao sair da prisão, em 1945, Josei Toda renova a organização, transformando a *Soka Kyoiku Gakkai* em *Soka Gakkai* (Sociedade para Criação de Valores Humanos), ajustando-a de uma linha de pensamento "academicista" para uma visão de mundo em meio ao povo. Com o conceito de *Revolução Humana* acessível a todo e qualquer sujeito e à sociedade em geral, Toda procura derrubar o sectarismo e tornar os sistemas de pensamento de Siddhārtha Gautama e de Nichiren Daishonin acessíveis à pessoas em geral (URBAIN, 2010).

Em 1947 Toda conhece Daisaku Ikeda⁷⁰, que então adota esta filosofia de vida e se torna o sucessor de Josei Toda. Em 1960, após a morte do segundo líder da Soka Gakkai, Toda, Ikeda assume a presidência e começa a ultrapassar as fronteiras que delimitavam este sistema filosófico dentro do Japão. Para isto ele transcende os costumes nipônicos e torna a

⁷⁰ Daisaku Ikeda nasceu em Tóquio, Japão, em 02 de janeiro de 1928 e se formou pela Escola Superior Fuji na área de Economia.

organização internacional e transcultural. Em 1975, na Ilha de Guam, funda a Soka Gakkai Internacional-SGI, uma rede global de pessoas que trabalham para a cultura de paz em suas respectivas comunidades (Fundamentos do Budismo, 2004).

A Soka Gakkai Internacional - SGI⁷¹ atua em diversas frentes no mundo contemporâneo, em ações multifacetadas e com desdobramentos nos campos social, educacional e religioso (URBAIN, 2010). Neste sentido, ela está registrada oficialmente, como organização não governamental, no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas-ECOSOC, no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados-Acnur, no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas-UNDPI, na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura-Unesco e é membro da Federação Mundial das Associações das Nações Unidas-WFUNA.

No Brasil, seu reconhecimento pela Academia⁷² teve início em 1993, quando recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e pela Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR, além de se tornar Professor Visitante Honorário da Universidade de São Paulo - USP. Importante ressaltar que a Universidade Federal do Rio de Janeiro no período de 100 anos de existência foram concedidos apenas 65 títulos de Doutor Honoris Causa⁷³. No mesmo sentido, por exemplo, Ikeda tornou-se o primeiro asiático a tomar posse como Sócio Correspondente da 14ª cadeira na Academia Brasileira de Letras - ABL. Até 2018, ele havia recebido 385 títulos de Doutor Honoris Causa

⁷¹ A Soka Gakkai foi registrada em 1952, por seu cofundador, Josei Toda, como uma instituição religiosa independente do clero da Nichiren Shoshu.

⁷² A presente pesquisa mostrou que há aderência do pensamento Ikeda inclusive em programas de pós-graduação *stricto sensu*. Um deles é o *Programa Educação de Criação de Valor para a Cidadania Global* criado e coordenado por Jason Goulah na Universidade DePaul, a maior universidade católica de Chicago. Goulah, autor premiado e diretor fundador do *Programa do Cidadão Global*, se debruçou no processo de investigação acadêmica sobre o sistema pedagógico para criação de valor e publicou os livros *Makiguchi Tsunesaburo in the Context of Language, Identity and Education* e *Makiguchi Tsunesaburo (1871-1944): Educational Philosophy in Context* (em co-autoria com Andrew Gebert). Em 2015, recebeu o prêmio *AESA Critics Choice Book Award* com o livro *Daisaku Ikeda, Language and Education*.

⁷³ Daisaku Ikeda: processo/centro-unidade: 23079.046451/92-40 - cfch/eco, data concessão/bufrj: 10/12/1992 - 46/1992. data entrega/horário: 11/02/1993 - 19 horas, local: salão pedro calmon - praia vermelha, orador: Márcio Tavares d'amaral, presidente: Nelson Maculan Filho (reitor), outros dados: presidente da Soka Gakkai International. Disponível em: <http://www.consuni.ufrj.br/index.php/titulos>.

no mundo, e é reconhecido como um prolífero autor: são mais de 250 livros publicados em 32 países e traduzidos para mais de quatorze idiomas⁷⁴.

A saudosa acadêmica Rachel de Queiroz, que participou da cerimônia de posse de Daisaku Ikeda na ABI, comentou o discurso que, então, ele fez: “Não conheço ninguém que tenha se utilizado das palavras dele [Guimarães Rosa] de forma tão esmerada. A sua literatura é considerada uma das mais complexas do Brasil em termos de compreensão”⁷⁵. E prosseguiu, afirmando, como amiga de escola de Guimarães Rosa, entender que a visão que ele tinha da religião “é bastante parecida com a do presidente da SGI”⁷⁶.

É assim que há mais de 50 anos Daisaku Ikeda vem se empenhando em diálogos com outras personalidades destacadas, registrados em mais de 80 livros resultantes destes encontros⁷⁷. Até hoje são cerca de sete mil diálogos em geral, sendo 1.600 deles com personalidades como Zhou Enlai, Henry Kissinger, Aurélio Peccei, Rajiv Gandhi, Norman Cousins, Nelson Mandela, Arnold Toynbee, Mikhail Gorbachev e Linus Carl Pauling. Estes diálogos também são referenciados em obras de autores renomados como, por exemplo, no livro *Cabeça bem feita* de Edgar Morin

Como disseram Aurélio Peccei e Daisaku Ikeda (...) ‘O approach reducionista, que consiste em recorrer a uma série de fatores para regular a totalidade dos problemas levantados pela crise multiforme, que atravessamos atualmente, é menos uma solução que o próprio problema’. (MORIN, 2003).

É desta maneira que, dentro de um espectro pacifista, holístico e ecológico, a filosofia de Daisaku Ikeda vem oferecendo proposições de soluções para áreas e situações de conflitos em larga escala, assim como práticas que tratam da emancipação. Desde 1983, por exemplo, Daisaku Ikeda engajou-se na elaboração anual de “Propostas de Paz” dirigidas às Nações Unidas, tratando de questões sobre a paz, desarmamento, educação e meio ambiente, entre outras relevantes temáticas, que são discutidas nas comunidades de localidades es.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.daisakuikeda.org/sub/books/books-by-category/>. Acesso em: 25/12/2017.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.bsgi.org.br/noticia/um-visitante-sem-precedentes-20180320/>. Acesso em: 25/12/2017.

⁷⁶ *id.*

⁷⁷ Disponível em: <https://www.daisakuikeda.org/sub/resources/records/dialog.html>. Acesso em: 25/12/2017.

Como a emancipação "Budocêntrica"⁷⁸ percorreu esta longa trajetória até os dias atuais, mesmo sofrendo inúmeros atravessamentos? Criamos uma linha temporal epistemológica, de forma concisa, com o objetivo de otimizar esta longa trajetória de estruturação até a forma como a Filosofia Ikeda se apresenta nos dias atuais. Devido a falta de registros históricos fidedignos, assumimos a data de início mais frequentemente usada pelos historiadores e epistemólogos de cinco séculos antes da Era Comum, pela linhagem do Buda histórico Shakyamuni, e prosseguimos até os séculos XX e XXI, na formação da Soka Gakkai (a base da Filosofia Ikeda).

Siddhārtha Gautama ou Shakyamuni , o Sábio dos Shakyas	Índia	Va.E.C.	* Dhamma-Vinaya (Teaching & Discipline /Ensino e Disciplina). * Metodologia: Parábolas.	* Sutra do Lótus se transformou em mais de 84 mil Ensinos. * Aderência ao pensamento até os dias atuais.
Nagarjuna	Índia	150 e 250	* Compilou inúmeros tratados/sutras * Organizou o pensamento Mahayana	* Enorme contribuição ao material do Budismo Mahayana.
Grande Mestre Tient'ai	China		* Três mil mundos em único momento da vida – Itinen Sanzen . Neste princípio estão contidos os conceitos do: Dez estados de vida e a sua possessão mútua, os dez fatores, os três Domínios da Individualização (SCIUTO, 2012:66).	* Levou o pensamento de Siddhārtha Gautama para a China. Devido a sua * condição de "erudição fechado em si mesmo", ele não deixou legado.
Dengyō Daishi	Japão		* VIII leva o ensinamento da China para o Japão .	* Fundou a escola Tendai no Japão.
Nichiren Daishonin	Japão	século XIII	* 1253 Propagou a prática central Nam Myoho Rengue Kyo . * 1282 inscreve o Mandala Gohonzon . * Escreve inúmeras cartas, mas apenas 406 chegam a atualidade. * Metodologia: Meditação Ativa e	

⁷⁸ Conforme já mencionado anteriormente, esta é uma expressão cunhada pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos na resposta a revista americana .

			observação da própria mente.	
Tsunessaburo Makiguti	Japão	século XIX para o século XX	<p>* 1930 funda a Soka Kyoiku Gakkai. <i>Sociedade Educacional de Criação de Valores</i>: seguindo a sugestão de Josei Toda, Makiguchi cunhou o neologismo <i>soka</i> para criação de valor. (IKEDA, 2010:46)</p> <p>* Propõe uma revisão epistemológica ao reconstituir os laços entre sujeito e objeto do conhecimento para conceber o homem de forma integral (RIBEIRO, 2006).</p> <p>* 1943 preso por Lesa majestade.⁷⁹ (Neste momento de repressão, já tinha aderência de 03 mil associados)</p> <p>* 1944 falece na prisão.</p>	<p>* Metodologia: Ancorada na Educação: Desenvolve a "Teoria do Valor do Bom, Belo e o Benefício"⁸⁰.</p> <p>* Há um "descolamento" da estrutura do Clero. O educador é capaz de decalcar o pensamento filosófico, como transformador, do sistema de crença mistificado.</p>
Josei Toda	Japão	século XX	<p>* 1952 registra a nova instituição: Soka Gakkai.</p> <p>* Metodologia: Diálogo vida a vida.</p> <p>* Cunha o termo "Revolução Humana".</p> <p>* Renovação: Deixa de ser circunscrita apenas a um grupo educacional e se abre para o social, para as pessoas do povo.</p>	<p>* 1945 no pós guerra: 04 membros remanescentes.</p> <p>* 1957 atinge nova aderência de 750 mil associados no Japão.</p> <p>* Produz uma filosofia que tira o sujeito de uma espécie de "morte" social.</p>

Princípios, conceitos e práticas que tratam da emancipação

⁷⁹ "Em 1941, o Ato de Preservação da Paz de 1925 foi revisado, ampliando seu escopo para proibir - sob pena de prisão perpetua ou morte - quaisquer ações que fossem consideradas blasfêmias ao imperador ou ao Estado xintoísta, que afirmava a divindade do imperador." (IKEDA, 2010:51)

⁸⁰ "Tsunessaburo Makiguchi desenvolveu os princípios da educação humanísticas baseado na sua teoria de criação valor, que abarca o belo, o bem e o benefício. O **belo** se associa aos valores sensoriais ligado a tudo que nos transmite prazer e alegria; o **benefício** se refere aos valores pessoais ligados à existência individual; e o **bem**, ao valor social está ligado à existência grupal coletiva." Disponível em: <http://www.seikyopost.com.br/vida-diaria/o-legado-do-sr-makiguchi>.

"Da mesma forma, o "ikedian-ism" ou um "sistema ikediano" prejudicariam os modos criativos de pensar no próprio Ikeda, bem como a criatividade que ele buscou promover dentro das particularidades, especificidades e necessidades das pessoas, educação, e comunidades" (Namrata, 2017)⁸¹

Daisaku Ikeda desenvolveu, nos séculos XX e XXI, uma teoria sobre a *Dignidade da Vida* (diferentemente do que se vinha falando como conceito *Dignidade Humana*) que está apoiada em três pilares: transformação interna, cidadania global e diálogo (URBAIN, 2010). Sua leitura destes três pontos são inspirados pelo respeito à totalidade de vidas, onde cada uma abarca todos os fenômenos e, portanto, cada uma é a própria humanidade (IKEDA, 2010). Esta teoria vem sendo testada e comprovada por mais de 15 milhões de pessoas em 192 países e 08 territórios. A premissa básica da Filosofia Ikeda é que todas as pessoas são completas e perfeitas da forma como se apresentam, no aqui e agora, não é acumulativa e não precisa de *austeridades*⁸². Este é o ponto de partida e não de chegada⁸³.

"O diálogo pode ser considerado como um método de resolução de conflitos, como estratégia pedagógica, como forma de interagir com o mundo. Daisaku Ikeda tem escrito extensivamente e envolvido no diálogo em todos esses modos. Uma perspectiva particular é recorrentemente explorada nos escritos de Ikeda sobre o diálogo: o diálogo como o aprendizado daqueles que são diferentes. O diálogo como aprendizagem através da diferença é um tema central do cosmopolitismo. Para Ikeda, um diálogo cosmopolita declarado está no centro de sua filosofia de cidadania global" (OBELLEIRO, 2013:35)⁸⁴.

Para a Filosofia Ikeda, a *Revolução Humana* é a via de emancipação:

⁸¹ "Similarly, "Ikedian-ism" or an "Ikedian-system" would do disservice to the creative modes of thinking of Ikeda himself as well as the creativity that he has sought to foster within the particularities, specificities, and needs of people, education, and communities". Tradução da autora.

⁸² *Austeridades*, aqui, no sentido de *práticas rituais particulares e independentes* (OLIVEIRA, 2010). incluindo auto mortificações, práticas meditativas muito profundas e eficientes e jejuns quase até a morte

⁸³ Tamanha amplitude de trabalho recebe por vezes críticas. Esta pesquisa está focada na questão específica de como a *emancipação* surge para a teoria e método do pensamento de Ikeda.

⁸⁴ "Dialogue can be regarded as a method for conflict resolution, as pedagogic strategy, as a way of interacting with the world. Daisaku Ikeda has extensively written on and engaged in dialogue in all these modes. One particular perspectiveis recurrently explored in Ikeda's writings on dialogue: that of dialogue as away of learning from those who are different. Dialogue as learning across difference is a central theme of cosmopolitanism. For Ikeda, an avowed cosmopolitan, dialogue is at the heart of his philosophy of global citizenship". Tradução da autora.

Durante sua história moderna, o homem foi levado a crer que a chave da felicidade estava nas reformas exteriores. A consequência desta ênfase exagerada no exterior foi a negligência - até o esquecimento total - das atividades interiores da vida humana, da necessidade de refrear algumas ações mentais e estimular outras. (...) É isso que eu chamo de Revolução Humana. (IKEDA; PECCEI, 1984:117).

Esta é a perspectiva que define para Ikeda a emancipação, a *plena consciência*: uma autocrítica consciente, levando a um profundo discernimento do *self*. Assim, tal *Revolução é morrer* o que não é humano e *nascer abruptamente* o que é humano. Neste sentido não é *transformação* ou *desenvolvimento*. Este "discernimento" é a correta percepção, pelo sujeito, de sua própria vida, ou seja, dos seus estados mentais, operando num nível subjacente. Esta via emancipatória pode aparecer na literatura de Ikeda sob outra forma, como por exemplo o conceito de "transformação interior", sem o aspecto dualista pois não está relacionado com a dicotomia "dentro e fora". Este conceito "chama" o sujeito para a responsabilidade de gerar uma comprometida mudança em seu território mental, e, assim, a partir desta ocupação em rede (OURIQUES, 2009) pode iniciar um processo que leva a uma transformação natural da sociedade. Tais princípios podem ser encontrados em outras linhas de pensamento como o movimento da não violência de Gandhi, com ênfase na responsabilidade individual, e quando a transformação interior é baseada na Filosofia Ikeda é chamada "revolução humana" (URBAIN, 2010).

Na esteira desse pensamento emancipatório, Ikeda transformou princípios e conceitos milenares em práticas populares, sem perder a diplomacia política, a capacidade de articulação intercultural entre povos e preservando a base desses ensinamentos. Com atuação em escala global⁸⁵ e aderência de mais de 12 milhões de associados. Sob a égide do trinômio "Paz, Cultura e Educação"⁸⁶ suas práticas, que tratam da emancipação do ser humano, tecem uma teia invisível, formando uma reação em cadeia a partir de ações locais e provocando uma revolução silenciosa (SILVA, 2011). Em abril de 2013, a Mestre de Cerimônias Pauline Murphy abriu o Seminário *Inclusive Peacebuilding Locally and Globally* da INCORE Ulster

⁸⁵ Atualmente, a Soka Gakkai Internacional possui Sedes em 192 países e 08 territórios de 195 países oficialmente reconhecidos pela ONU. Fonte: <http://www.worldometers.info/geography/how-many-countries-are-there-in-the-world/>.

⁸⁶ "Ação" programa da Rede Globo. Parte: 01 <https://www.youtube.com/watch?v=59D9JIX4Nw>, parte 02: https://www.youtube.com/watch?v=17JtiEBk_Vk e parte 03: <https://www.youtube.com/watch?v=15TXD-cqSYg>.

University⁸⁷, na Irlanda, data que assinalou os 15 anos da assinatura do "Acordo de Belfast", também conhecido por "Acordo de Sexta-feira Santa"⁸⁸, descrevendo esta teia de relações interdependentes e introduzindo o Filósofo Ikeda como um "man of action" (homem de ação) e elencando suas principais práticas.

Guardadas as devidas proporções, finalizaremos este Capítulo apontando algumas destas práticas e seus respectivos desdobramentos em esferas local e global.

Paz

A paz mundial não é algo que pode ser realizada apenas por políticos assinando tratados, ou pela ação de líderes empresariais em cooperação econômica. A paz verdadeira e duradoura será realizada somente por meio do estabelecimento de laços de confiança entre as pessoas no nível mais profundo, nas profundezas de suas próprias vidas. Daisaku Ikeda⁸⁹

Tempo	Espaço	Prática	Desdobramentos
1960	Japão	* Diálogo de vida a vida	Viagem
1970s	Global	* Diálogos pelo mundo.	* Inicia uma série de diálogos com figuras proeminentes, como Arnold Toynbee,
		* Sino-Japanese	
1974/ 1975	Global	* Palestras em universidades.	* Começa a contribuir para intercâmbios educacionais e acadêmicos, dando palestras na Universidade da Califórnia em Los Angeles em 1974 e na Universidade Estadual de Moscou em 1975.
1975	Ilha de Guam	* Fundação da Soka Gakkai Internacional	
1979	Japão	*Em 24 de abril, Ikeda foi forçado a deixar o cargo de presidente da Soka Gakkai, devido a uma conspiração interna	

⁸⁷ Inclusive Peacebuilding Locally and Globally: https://www.youtube.com/watch?v=5LU_Q0ruItE

⁸⁸ Link: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/irlanda-do-norte-20-anos-acordo-de-belfast.html>.

⁸⁹ Retirado do site oficial da BSGI: <http://www.bsgi.org.br/#4thpage>.

		(envolvendo o clero).	
1983	Japão	* ONU: elaboração e publicação de propostas, dirigidas anualmente.	
1991	Japão	* A Soka Gakkai tornou-se completamente independente do sacerdócio Nichiren Shoshu.	Isto permitiu que Ikeda afirmasse ainda mais sua visão de um humanismo budista sem fronteiras que enfatiza o pensamento livre e o desenvolvimento pessoal com base no respeito pela vida.
1993	EUA Boston	* Boston Research Center for the 21st Century (BRC, which changed its name in 2009 to the Ikeda Center for Peace, Learning, and Dialogue)	

Cultura

Tempo	Espaço	Prática	Desdobramentos
1983	Japão	* Museu de Arte Fuji de Tóquio	* As atividades baseadas no lema "Um museu que cria pontes em todo o mundo".
		exposições	
1990	Brasil	* Eternos Tesouros do Japão	* já se contabilizam milhões de visitantes que se emocionaram e se encantaram com imagens, sons, textos e, principalmente, com o poder criativo de superar e recriar. * Repensar com urgência a forma de agir e de reagir aos desafios.
	França	*Museu Literário Victor Hugo	
	Japão	* Associação de Concertos Min-On	* Procura "aprofundar a compreensão mútua e a amizade entre todos os países, promovendo a música global e o intercâmbio cultural que transcende as diferenças de nacionalidade, raça e idioma
1993	Brasil	Orquestra Filarmônica	

Educação

A educação deve proporcionar às pessoas o entendimento - em suas mentes, em seus corações e com todo o seu ser - o valor insubstituível dos seres humanos e do mundo natural. Acredito que essa educação encarna a luta intemporal da civilização humana para criar um caminho infalível para a paz. Daisaku Ikeda⁹⁰.

Tempo	Espaço	Prática	Desdobramentos
1971	Japão	* Sistema Escolar Soka	"Educação Soka" ⁹¹
		* Instituto de Filosofia Oriental	
1991	Brasil	* Centro de Projetos e Estudos Ambientais no Amazonas - CEPEAM ⁹²	* Vários programas e projetos de Pesquisas Educaionais (Academia Ambiental, Seminário Internacional de Inovação, Empoderamento e Sustentabilidade – SEIIES, Agenda 21 – Oficina Educativa entre outros), Híbridos (Programa Sementes da Vida, Programa Semear entre outros), Ambientais (Programa de Banco de Sementes Urbano de Espécies Amazônicas,

⁹⁰ Retirado do site oficial da BSGI: <http://www.bsgi.org.br/#4thpage>.

⁹¹ "As Escolas Soka fazem parte de um sistema educacional privado, que abarca do jardim-de-infância ao nível universitário, e seu foco é a educação para a criação de valor. A doutrina religiosa não é ministrada nem incorporada nas aulas. Com o objetivo de desenvolver as habilidades dos estudantes para ponderar significado e propósito, a missão da escola é cultivar um rico humanismo e a espiritualidade que capacite os alunos a se beneficiar de crescimento pessoal e a contribuir para a sociedade. (IKEDA, 2010)

⁹² Para saber mais sobre cada projeto desenvolvido pelo CEPEAM: <http://www.cepeam.org.br/>.

			Projeto de Pesquisa sobre Recursos Hídricos entre outros) e (Projeto Terra Preta de Índio, Projeto Sítio Histórico entre outros).
1994	Brasil/ SP	<p>Departamentos (SCIUTO, 2012):</p> <p>1. Departamento Makiguchi em Ação (projeto multidisciplinar, pois suas atividades são independentes entre si, composto por oficinas de artesanato, oficinas de arte/educação, origami, cultivo e preservação (horticultura, jardinagem e ervas medicinais);</p> <p>2. Depeduc – Departamento de Estudos e Práticas em Ciências da Educação (O departamento é composto por um grupo de estudos, envolvido com a pesquisa, disseminação do conhecimento, publicações e premiações de práticas educativas transformadoras);</p> <p>3. Depehus – Departamento de Educação Humanista Soka (Esse departamento mantém três frentes de atuação: O Curso de Alfabetização para Jovens e Adultos; a Academia Magia da Leitura (que tem como objetivo o aprimoramento da oralidade, leitura e escrita);</p> <p>4. Depohpe – Departamento de Orientação Humanista para Pais e Estudantes.</p>	<p>* Retorno para sociedade civil: Desde que foi implementado no Brasil, há 20 anos, ensinou quase 8 mil pessoas a ler.</p> <p>* Aderência: mais de 300 escolas já foram contempladas⁹³.</p> <p>* Metodologia: Promove oficinas de teatro (oficinas de personagens para o ensino de história), origami (origami para o ensino da matemática), arte educação e artesanato.</p> <p>* Alfabetização: Alfabetização de jovens e adultos. Projeto pioneiro para alfabetizar em 40 horas/aula.</p>
Nov/17		1º Seminário de Práticas Educativas	"O evento tem como objetivo socializar os caminhos trilhados e o futuro possível da

⁹³ Notícias na mídia disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI275261-17737,00-ENSINO+PACIFISTA.html>

		com Base no Humanismo Ikeda ⁹⁴	Educação Humanística para os educadores e acadêmicos do município. O seminário é uma prática nacional que surgiu a partir da proposta educacional do doutor Daisaku Ikeda, que propõe que a educação precisa resgatar o humanismo das pessoas."
--	--	---	---

DISCUSSÃO

⁹⁴Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/seminario-debatera-educacao-humanistica-em-santarem-nesta-sexta-feira.ghtml>

“O equivalente funcional do xamanismo indígena é a ciência. É o cientista, é o laboratório de física de altas energias, é o acelerador de partículas. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas.”
(CASTRO, 1999)

Destarte, pareceu-nos muito desafiador mapear confluências entre campos disciplinares tão diversos, neste caso a física, as ciências sociais e a filosofia, porque requereria a construção de um alicerce científico consistente para legitimar a pesquisa. Contudo, ao longo do processo de investigação, deparamo-nos com muito material e, inclusive, uma curiosa entrevista, datada de quase 20 anos, do etnólogo americanista Eduardo Viveiros de Castro, ao provocar a Academia com a seguinte afirmação: *o chocalho do xamã indígena é um acelerador de partícula* (CASTRO, 1999).

Posteriormente, quase duas décadas mais tarde, o professor titular de antropologia social da Universidade Federal do Rio de Janeiro cria o neologismo *mitofísica* durante o colóquio “Física, metafísica, mitofísica”, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF)⁹⁵. De acordo com Viveiros de Castro, esta inusitada analogia resulta da observação do objeto esférico, cheio de pequenas contas e miçangas no interior, que é sacudido pelo xamã e, portanto se trata de um objeto que acelera partículas. Ressalta ainda que por ser altamente

⁹⁵ Palestra disponível no canal do CBPF: <https://www.youtube.com/watch?v=hygylCWmdYg&t=182s>.

contrastante, esta metáfora foi escolhida para comparar os modos de conhecimentos com o ideal de conhecimento da sociedade moderna⁹⁶.

Neste enquadramento, de transdisciplinaridade e transculturalidade em que se situa a minha pesquisa, o cientista político Evandro Vieira Ouriques vai sublinhar que é necessário eliminar qualquer distinção rígida entre *sujeito* e *objeto* (PANÃO, 2009) e que esta eliminação é confluyente na Teoria Psicopolítica, na Escola Diraqueana e na Filosofia Ikeda, ao que se soma o fato de Heisenberg também ter suprimido as diferenças entre as ciências exatas do mundo objetivo e as ciências inexatas do mundo subjetivo (HEISENBERG, 1998). Talvez a maior confluência identificada por este estudo seja a constatação em comum de que “o mundo é uma criação do ser humano em relação com os três níveis de Realidade modelados por Heisenberg: o que nos faz humanos é a nossa capacidade de pensar-sentir de maneira emancipatória ou não”⁹⁷.

Com o objetivo de tangenciar, com mais vigor, a supressão destas diferenças entre as ciências exatas do mundo objetivo e as ciências inexatas do mundo subjetivo, que trouxemos de Heisenberg, nossa investigação encontrou outra confluência: a palavra "teoria". Presente na base de toda prática, ela possui uma interessante etimologia “eu vejo as coisas divinas” (FERRY, 2012)⁹⁸.

É, pois, esse **divino**, que não tem nada de um **Deus pessoal**, mas se confunde com a ordem do mundo, que os estoicos nos convidam a contemplar (*theorein*) com a ajuda de todos os meios apropriados — por exemplo, estudando ciências específicas, a física, a astronomia ou a biologia e, além disso, multiplicando as observações que nos mostram como o universo todo (e não apenas esta ou aquela parte) é “benfeito”: o movimento regular dos planetas, a estrutura do menor organismo vivo, do mais ínfimo inseto, prova ao **observador atento**, àquele que pratica inteligentemente a “teoria”, como a *ideia de cosmos*, de ordem justa e bela, descreve de maneira adequada a

⁹⁶ (*Id.*)

⁹⁷ Entrevista de Evandro Vieira Ouriques à autora.

⁹⁸ Em grego se chama *theoria*: *to theion* ou *ta theia orao* significa “eu vejo (*orao*) o divino (*theion*)”.

realidade que nos cerca, desde que saibamos contemplá-la como convém. (*id.*) (Grifo nosso)

É neste sentido que o Programa de Pós-graduação da História das Ciências das Técnicas e Epistemologia - HCTE pôde ser a casa desta investigação, por sua vocação deliberada de exercitar-se no divino acolhimento e diálogo *intertransdisciplinar* de múltiplas áreas do conhecimento, mesmo diante de uma hipotética dificuldade de comunicação de ordem epistemológica, ou, talvez, de um distanciamento cultural. Neste espaço relacional de observadores atentos, buscamos descrever alguns dos paralelismos encontrados nas três teorias com o objetivo de fortalecer os processos e movimentos de emancipação:

Teoria Psicopolítica	Escola Diraquena	Filosofia Ikeda
Gestão Mental	Abstração Matemática	Observação da Própria Mente
Em Rede Co-surgimento	Manifestação Representação	Relação de Interdependência
Não Dualismo	Simetria	Diálogo DIGNIDADE DA VIDA
Condição Comunicacional	Novas Teorias	Revolução Humana

Em 2005, o cientista político Evandro Vieira Ouriques anuncia a metodologia "Gestão Mental" (2017b:193), que constrói a mudança psicopolítica da cultura necessária para sincronizar mais palavras de cunho emancipatório com ações correspondentes, o que constitui os processos de identificação que ocorrem sempre em rede, pois se instauram e legitimam de

maneira intersubjetiva, uma vez que os sujeitos não são isolados e as instituições não são entidades metafísicas, mas redes de sujeitos que falam em nome delas⁹⁹.

A Teoria Psicopolítica trata do conceito "mente" à luz de seus pressupostos teórico-metodológicos da gestão mental¹⁰⁰. Ao longo das entrevistas, pesquisas na rede, aulas, diálogo informal e leituras desta nova literatura ficaram claro que a Teoria Psicopolítica e, conseqüentemente, a metodologia Gestão Mental, são *resultantes da aproximação transdisciplinar e transcultural entre o pensamento ocidental e epistemes na diáspora, como as indígenas e africanas e, em especial, o taoísmo e algumas da Índia*, destacando o Budismo por ter a mente como *modus operandi* de toda operação psicopolítica da engrenagem humana (OURIQUES, 2017b). Dito isto, insiro nesta análise final o papel concomitante da observação da respiração no desencadeamento dos estados mentais do psiquismo e das redes de psiquismo, ou seja, a cadeia do que se pensa-sente sustentado em rede e acontecendo dentro do próprio território mental do sujeito. O que seria então esta *gestão Psicopolítica* em rede do território mental?

Como já foi respondida anteriormente no Capítulo 1, pelo próprio fundador deste novo sistema de pensamento, esta *gestão Psicopolítica* do território mental é um **ciclo constante** (por sermos afetados por fatores “internos” e “externos”) e **em rede** (por ser impossível viver de forma isolada, encapsulada). Ainda dentro do contexto do mesmo Capítulo, a investigação verificou que a eficácia desta nova abordagem, cabendo aqui muitos outros adjetivos como “**ousada** abordagem” ou “**desafiante** abordagem”, tem como condição *Sine qua non* a compreensão e superação do abismo entre o indivíduo e a sociedade produzido pelo dualismo. O grande e legítimo questionamento é que vivemos num mundo dual, vida-morte, mente-corpo, indivíduo-coletivo, natureza-humanidade, fora-interior e este fator facilitaria uma manipulação psicopolítica da pré-disposição mental, agindo como um impeditivo na mudança e/ou construção de outras referências¹⁰¹ para a capacidade de julgar e que acaba por comprometer a condição comunicacional e favorecer a servidão voluntária dos indivíduos (OURIQUES, 2017a).

⁹⁹ Entrevista de Evandro Vieira Ouriques à autora.

¹⁰⁰ Em 2005, este termo foi cunhado pelo cientista político Evandro Vieira Ouriques, fundador da Teoria Psicopolítica.

¹⁰¹ Outras referências aqui como outras ontologias que saiam da rota do dualismo do Ocidente hegemônico, da luta de todos contra todos do axioma hobbesiano e da falta de sentido do perspectivismo ontológico.

Recapitulando o conteúdo teórico visto até aqui, colocamos em "Discussão" Paul Dirac e Daisaku Ikeda com a Teoria Psicopolítica do cientista político Evandro Vieira Ouriques, porque mostraram um mundo dual mas "exercitado" pela metodologia da Gestão Mental. O resultado desta prática mostrou eficiência, pois ambas literatura e legado ainda são estudadas e testadas com sucesso. A abstração matemática da física e a observação da própria mente da filosofia são construções mentais, observando a natureza como unidade.

Esta explicação das redes de psiquismo nos remete a ideia de co-surgimento, abordagem também presente na Escola Diraquena e na Filosofia Ikeda na forma de ser de linguagem que abarca a vida de todos os humanos. As representações (ou manifestações) que Paul Dirac interpretava o mundo dialoga diretamente com esta ideia de co-surgimento, assim como a Relação de Interdependência entre todos os seres humanos que Daisaku Ikeda vai buscar no pensamento de Gautama. Buscamos em Poulain (2017) a qualidade da capacidade de julgar em rede e, ao mesmo tempo, avançando na construção de uma cultura.

Esta "construção de cultura" acontece através das relações, e, novamente, como seres de linguagem, nos inter-relacionamos através da prática do diálogo. Um diálogo não dual e simétrico. No prefácio do Livro *Daisaku Ikeda's Philosophy of Peace*, escrito pelo experiente mediador de conflitos, pioneiro nos estudos de paz e fundador da "TRANSCEND International", o sociólogo norueguês Johan Galtung, escreveu em relação a esta metodologia

Há meditação neste poderoso diálogo interno, tão semelhante ao diálogo externo, à busca mútua de compreensão, soluções e saídas. Tão diferente de um debate em que o objetivo é a vitória verbal. Em um diálogo, o objetivo é elevar um ao outro até um "Nós" em um nível mais alto. Assim, o método TRANSCEND é baseado no diálogo! (in URBAIN, 2010) ¹⁰²

Nas palavras atribuídas a Sócrates por Platão na obra *Apologia de Sócrates*, o filósofo ateniense considerava sua missão "andar por aí (nas ruas, praças e ginásios, que eram as escolas atenienses de atletismo), persuadindo jovens e velhos a não se preocuparem tanto, nem em primeiro lugar, com o corpo ou com a fortuna, mas antes com a perfeição da alma". Defensor do diálogo como método de educação, Sócrates considerava muito importante o contato direto com os interlocutores e neste ponto, ele e Shakyamuni dialogam.

¹⁰² "There is meditation in this, that powerful inner dialogue, so similar to the outer dialogue, that mutual search for understanding, solutions, for ways out. So different from a debate where the goal is verbal victory. In a dialogue the goal is to lift each other up to a We at a higher level. Thus, the TRANSCEND method is based on dialogue (...)"

Qual seria a maior expressão de comunicação de linguagem humana em sua interação com o mundo? No decorrer da minha investigação, alguns questionamentos como este surgiram diante das múltiplas dimensões da linguagem. Como aponta Maturana (2001), *nós, seres humanos, acontecemos na linguagem [...] Não temos maneira de nos referirmos a nós mesmos, ou a qualquer coisa, fora dela* e, por este viés, partimos da premissa de que ela ocorre sempre com um “outro” (“outra” pessoa, “outro” eu, o próprio mundo como representatividade da interlocução do “outro”) para assumir o diálogo como característica da linguagem e o exercício da condição comunicacional.

CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

Estamos todos implicados nas permanências históricas da colonização, da escravidão, das prisões democráticas e ditatoriais. Temos uma maneira bem peculiar de transformar essas violências em fetiches criminais. Toda uma racionalidade e toda uma afetividade ibérica inquisitorial funda e se atualiza ad infinitum na transformação de nós mesmos em um assustador outro a ser contido, torturado, chacinado. (BATISTA, 2017).

Neste Capítulo final, debruçar-me-ei, concomitantemente, na conclusão sobre este estudo comparado e no “emaranhamento”, ou seja, nos novos percursos “intertransdisciplinares” de pensar, desencadeado pelas Escolas analisadas, numa espécie de metodologia cartográfica, invertendo o sentido do modelo tradicional de investigação e ao mesmo tempo considerando o rigor acadêmico. A meta não era *caminhar para alcançar metas pré-fixadas*, porém possibilitar o *caminhar que traça no percurso suas metas* (PASSOS, 2010).

A primeira provocação, foi a proposta implícita de comutar o “por que” para o “como”: “**Como** o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida?” (FOUCAULT,) e “**Como** livrar-nos do fascismo circundante em nossos discursos, atos, corações e prazeres?” (BATISTA, 2017).

O objetivo de realizar esta correlação foi extrair alguma provocação, ou provocações, indo além, talvez, de tudo o que foi dissertado até aqui e, conseqüentemente, gerar uma nova hipótese de trabalho. Como propõe Foucault no prefácio à edição americana de *O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari,

Questões que se ocupam menos com o porquê das coisas do que com seu como. Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se

intensificar no processo de reversão da ordem estabelecidas? Ars erotica, ars theoretica, ars politica. (FOUCAULT, 1993)

Chegamos a constatação de que para que haja mudanças profundas, que se promova a emancipação do sujeito, faz-se necessário migrar das ações isoladas para ações *intertransdisciplinares* e desafiar a planificação das ideias que a psique do sujeito vem sendo atravessada, pois mesmo a simetria entre as partes é sempre uma relação horizontal que oculta uma relação vertical (SANTOS, 2002). Para exemplificar, comumente identificam-se relações hierarquizadas dentro das dicotomias - conhecimento científico/conhecimento tradicional; homem/mulher; cultura/natureza; civilizado/primitivo; capital/trabalho; branco/negro; Norte/Sul; Ocidente/Oriente; e assim por diante.

Trata-se de uma necessidade no aprofundamento das pesquisas, envolvendo psiquismo e as instituições (redes de psiquismos), visando uma revisão ontológica e epistemológica. A emergente Teoria Psicopolítica, por exemplo, investe numa terceira via de ontologias que estejam entre as ontologias metafísicas e as ontologias constitutivas, ou seja, esta origem que é experimentada pela realidade que está entre “o que não está aqui” e “o que está aqui”¹⁰³. Até o presente momento, segundo mostra Maturana (2001), existem aquelas onde tudo é criado pelo “o que não está aqui” ou pelo “o que está aqui”. Conforme já mencionado, esta terceira possibilidade visa a urgente saída desta volatilidade dualista que leva ou para as ontologias transcendentais ou para as ontologias constitutivas.

Para desinsular precisamos, assim, de ontologias e epistemologias não dualistas, livres da tensão que paralisa o pensamento na gangorra dualista das *ontologias transcendentais* e das *ontologias constitutivas*, tema que venho investigando como constituir um terceiro grupo, no caminho do meio entre estes dois (...). (OURIQUES, 2017b:350).

Este novo construto conceitual investigado por Ouriques dialoga diretamente com a proposta anunciada por Ikeda, em 1968, como proposta de uma corrente que tem como foco a “Dignidade da Vida”, investindo numa terceira ontologia

De acordo com Ikeda, o mundo atual é orientado por duas correntes ideológicas: uma inclinada para o materialismo e outra para o espiritualismo. No entanto, sua interpretação é de que ambas são incapazes de conduzir o ser humano para uma realidade mais digna. A “Terceira Civilização” foi anunciada como proposta de uma corrente que tem como foco a dignidade humana, baseando-se no humanismo e harmonizando as outras duas

¹⁰³ Entrevista de Evandro Vieira Ouriques à autora.

correntes. Ela está em construção desde 1960 com aderência de mais de 12 milhões de associados pelo planeta.¹⁰⁴

Estas duas linhas de pensamento, ambas tributárias da episteme Budista, reforçam narrativas que denunciam fortemente esta relação de *se ser e não ser* e que vem ao encontro do conceito de “nini-funi, funi-nini”, *dois mas não dois* e *não dois, mas dois*

Outro conceito fundamental da tradição do Sutra de Lótus, e que se relaciona com as questões levantadas pela origem dependente, é o conceito de funi, uma contração de funi nini, “dois, mas não dois”, e nini funi, “não dois, mas dois”. Isso é diferente de outras noções de “unicidade” orientais e da nova era e está muito mais próximo de um tipo de relação dialética interna que rejeita as dicotomias e dualismos cartesianos e outros ocidentais (e mesmo alguns orientais), sejam opostos ou separados. Pode ser pensado como “dois em aparência, mas fundamentalmente inseparável e definindo-se mutuamente”.¹⁰⁵ (FORSTATER, 2009)

Verificamos esta ressonância também na linha de pensamento de Paul Dirac, quando observamos a quebra de paradigmas ao fundar um novo postulado teórico, ao propor ideias como Vácuo Quântico, a união de Teorias tão distintas como a da Relatividade e a Mecânica Quântica. Em entrevista para a Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FMP/Fase), o professor José Abdalla Helayël-Neto explica que a *Física das Interações Fundamentais e das Altas Energias*, um legado da Escola Diraqueana, como já vimos, postula um universo completo e que se apresenta de forma macroscópica e quântica concomitantemente, fala sobre onipresença e teletransporte¹⁰⁶.

Entende-se que uma nova formulação ontológica apresentará, naturalmente, novos desdobramentos teórico, epistemológico, metodológico e experiencial, com a finalidade de desenvolver habilidades e produzir e usar conhecimento científico como alavanca emancipatória de modo crítico e autocrítico. É por meio de mudanças das maneiras de pensar-

¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.seikyopost.com.br/quem-somos>.

¹⁰⁵ “Another fundamental concept of the Lotus Sutra tradition, and that relates to the issues raised by dependent origination, is the concept of funi, a contraction of funi nini, “two, but not two,” and nini funi, “not two, but two.” This is different than other Eastern and new age notions of “oneness” and is much closer to a kind of dialectical internal relation that rejects Cartesian and other Western (and even some Eastern) dichotomies and dualisms, whether oppositional or separate. It can be thought of as “two in appearance but fundamentally inseparable and mutually defining”. Tradução da autora.

¹⁰⁶ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BOi3Ze7UdA>.

sentir, mudanças que hoje se oferecem como urgentes para quem o assim perceber, que os mesmos problemas não vão “se estender por várias gerações” (MANNHEIM, 1976:34).

“Enquanto os mesmos significados das palavras, as mesmas maneiras de se deduzir ideias, são desde a infância inculcados em cada membro do grupo, não podem existir nesta sociedade processos de pensamento divergentes. Mesmo uma modificação gradativa nas maneiras de pensar (onde por acaso surja) em uma situação estável, enquanto o tempo nas adaptações de maneiras de pensar a novos problemas seja tão lento que se estende por várias gerações. Nesse caso, uma mesma geração dificilmente pode, no decorrer de sua vida, se tornar consciente da mudança que ocorre” (*id.*).

Como Ikeda e Peccei descrevem com clareza há mais de três décadas (PECCEI; IKEDA, 1984), o ser humano em seu psiquismo parece sofrer de um tipo de esquizofrenia que produz uma dicotomia inconsciente entre o que é invocado ardorosamente, por um lado, e o que, de outro, se provoca. As implicações de como se chegou aqui e como se supera esta tendência demanda uma revisão ontológica e epistemológica as ciências exatas do mundo objetivo e as ciências inexatas do mundo subjetivo.

E esta dissociabilidade entre palavra-ato, entre o que se invoca e o que se provoca, e suas verdades arrogantemente estabelecidas, principalmente na virada do 1900, contaminaram as instituições (redes de psiquismo), ou seja, os

Aparelhos Ideológicos de Estado (...):

- o AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas),
- o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
- o AIE familiar,
- o AIE jurídico,
- o AIE político (o sistema político),
- o AIE sindical,
- o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.),
- o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.).

(ALTHUSSER, 1969:41) (Grifo nosso)

gerando movimentos que permearam todo século XX e que ainda ecoam neste já transcorrido, um quinto do século XXI. A descontaminação, ou seja, a desimpregnação ontológica, epistemológica, teórica, metodológica e vivencial frente ao dualismo (OURIQUES, 2017b) pode gerar resultados que cessem os ciclos fascistas, intensos e de baixa intensidade, que alimentam ciclos de violência e agem como cortinas de fumaça.

Dentro de um ínfimo recorte em cada linha de pensamento desta análise, pode-se facilmente decalcar eventos que mostram estas ações fascistas e do fascismo de baixa intensidade. O período, bastante crítico em meio ao nosso processo civilizacional, é a segunda metade do século XX (a partir da Segunda Guerra Mundial). Por ordem cronológica, listamos alguns acontecimentos.

O Itamaraty é um órgão do Poder Executivo responsável pelo assessoramento do Presidente da República na formulação, no desempenho e no acompanhamento das relações do Brasil com outros países e organismos internacionais. Este departamento, em 1974, negou a emissão do visto ao Filósofo Daisaku Ikeda, alegando uma denúncia anônima de que havia um indivíduo perigoso na comitiva. Sendo que em 1966, ele passou por um constrangimento durante sua última visita que ocorrera sob rigorosa vigilância policial.

Na década de 70, o Físico Mario Novelo relata que, certa vez, convidou o professor Dirac para uma palestra no CBPF. Seguindo todo procedimento de justificativa da bolsa do CNPq, o *Curriculum Vitae* do cientista britânico foi enviado junto os formulários. O CV de cinco linhas constava apenas as seguintes informações: em primeiro lugar o título de Sir¹⁰⁷, em segundo sua obra mais famosa sobre Mecânica Quântica *The Principles of Quantum Mechanics* e em terceiro que ele era Prêmio Nobel. O CNPq não aceitou a solicitação da bolsa, pois avaliou a experiência do cientista muito pequena e não justificaria o investimento financeiro¹⁰⁸.

Desde 1984, quando fundou o NETCCON - Núcleo Transdisciplinar de Psicopolítica e Consciência na Escola de Comunicação da UFRJ¹⁰⁹, o professor e cientista político Evandro Vieira Ouriques investiu grandes esforços para divulgar sua pesquisa e compartilhar a construção de uma nova Teoria Social. Eventualmente, ele conquistou um terreno expressivo no cenário brasileiro, mas o reconhecimento genuíno foi primeiramente detectado pela comunidade internacional.

¹⁰⁷ A member of the British Order of Merit (1973). Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://www.britannica.com/topic/Order-of-Merit&prev=search>.

¹⁰⁸ Relato sobre este episódio com o físico Mario Novelo, durante a conferência *Os Transgressores* (01:48:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQwfFFXblwE>

¹⁰⁹ NETCCON - Núcleo Transdisciplinar de Psicopolítica e Consciência. ECO/UFRJ. Disponível em: https://ufrj.academia.edu/Departments/NETCCON_N%C3%BAcleo_Transdisciplinar_de_Psicopol%C3%ADtica_e_Consci%C3%Aancia_Escola_de_Comunica%C3%A7%C3%A3o_UFRJ/Documents?page=2

Ao atingir este ponto, a investigação nos remeteu ao texto de Boaventura de Sousa Santos, onde, explicitamente, sua opinião em relação a não haver nenhuma reestruturação do conhecimento - e sem esperanças de se ter alguma – em função da resistência à mudança das rotinas, e como transforma interesses hegemônicos em conhecimentos verdadeiros (SANTOS, 2002).

Emancipar-se, portanto, é muito mais fácil do que se imagina, na medida em que a infraestrutura mental necessária já está instalada (...) Tudo depende, portanto que o sujeito supere suas predisposições [Bernays, (1947) 2010] à manipulação psicopolítica de suas predisposições, de maneira a que supere da mesma maneira, ou seja, psicopoliticamente, a tendência também histórica (...) de ser capturado pelos mesmos valores que diz querer superar no plano dualisticamente imaginado como “social”. (OURIQUES, 2017b:354)

Na expectativa de termos contribuído um pouco neste sentido, ao realizar este estudo comparado, regido por semelhanças e diferenças, entre a Teoria Psicopolítica, a Escola Diraqueana e a Filosofia Ikeda que toca ao conceito de emancipação, finalizamos o projeto com a proposição de que são os estados mentais, e a capacidade de decidir quais deles são ou não emancipatórios, que estão por trás da grave situação que vem se instaurando globalmente. Concluímos esta dissertação com uma provocação, trazendo para o fomento deste debate de tanta urgência a citação da escritora Nazareth Solino¹¹⁰, que já fez sua passagem, extraída de seu livro *Borboletas... e outros bichos*. Nesta obra, ela desvela a tirania enraizada e mascarada nas sociedades e faz a seguinte proposição

“Moral da estória? O exemplo (...) do tirano de Siracusa mostra que não adianta apenas retirar do governo um tirano, mas é preciso abolir a tirania (...). É a tirania que possibilita a existência do tirano” (SOLINO, 2010:56).

¹¹⁰ Escritora, membro do Conselho Diretor Nacional da Cruz Vermelha Brasileira e Diretora Tesoureira Nacional, médica pediatra, MSc em Saúde Pública, MBA em Gestão do Conhecimento, docente do Coppe da UFRJ, atuava como Consultora em Defesa Civil junto a diversos órgão públicos, órgãos da ONU e da indústria do petróleo. <https://cruz-vermelha-brasileira.webnode.com/news/nota-defalecimento-doutora-nazareth-solino/>

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Editora Presença: Lisboa, 1969.

ATHAYDE, Austregésilo de; IKEDA, Daisaku (2018). *Diálogo: direitos humanos no século 21*. Editora Brasil Seikyo: São Paulo.

BATISTA, Vera Malaguti. Apontamentos para uma conversa sobre o fascismo e a questão criminal. *ecopolítica*, 18: mai-ago, 2017. pp. 129-135. *Revista PUC-SP*, 2017.

BAQUERO, Rute V. Angelo (2012). Empoderamento: instrumento de emancipação social? uma discussão conceitual. A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012.

BIRMAN, Joel (2017). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.

CARVALHO, Sérgio R (2004). The multiple meanings of "empowerment" in the health promotion proposal. *in* *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, V. 20, Nº 4, pp.1088-1095. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro.

DAISHONIN, Nichiren (2004). *Os escritos de Nichiren Daishonin: glossário*. Associação Brasil-SGI. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2004.

DEL VALLE, Carlos (2017). Prefácio. *in* Ouriques, Evandro Vieira. *Teoria Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura*. Volumen I da Colección Teoría Psicopolítica, uma co-edición da Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidade do Porto e Universidade de Groningen: Chile, Brasil, Argentina, Portugal e Holanda.

DILLON, Matthew. *Dialogues with Death: the last days of Socrates and the Buddha*. *Philosophy East and West*, Vol. 50, No. 4. pp. 525-558. University of Hawai'i Press, 2000.

DIRAC, Paul Adrien Maurice (1939). The relation between Mathematics and Physics. *in* *Proceedings of the Royal Society A*, Vol. 59, Part II, pp. 122-129. Royal Society: Edinburgh.

DUARTE, Zuleyka da Silva (2012). O conceito de emancipação nas abordagens teóricas da educação física escolar. IX ANPED Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: Rio de Janeiro.

EVANS-WENTZ, W. Y. (org.). O Livro Tibetano dos Mortos.

FARMELO, Graham. *The Strangest Man: the hidden life of Paul Dirac, quantum genius*. FABER & FABER: London, 2009.

FERRARI, Márcio. Sócrates, o mestre em busca da verdade. Nova Escola, 2008. Fonte digital disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/177/socrates-mestre-verdade#>

FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Objetiva: Rio de Janeiro, 2012.

FORSTATER, Mathew. Chapter 5: Pan-African and Afro-Asian alternatives [to] and critiques [of Eurocentrism]. *in* Kanth, R. *The Challenge of Eurocentrism: Global Perspectives, Policy, and Prospects*. Palgrave Macmillan: New York, 2009.

FOUCAULT, Michel. Uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de Subjetividade, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo*, v. 1, n. 1, pp. 197-200, 1993.

FOUCAULT, Michel (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Fundamentos do Budismo. Editora Brasil Seikyo: São Paulo, 2004.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

GOMBRICHI, Richard. *Theravāda Buddhism: a social history from ancient Benares to modern Colombo*. Routledge & Kegan Paul: New York, 1988.

GOMBRICHI, Richard. *How Buddhism Began: the conditioned genesis of the early teachings*. Routledge & Kegan Paul: London, 1996.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estudos Avançados* vol.5 no.11. São Paulo, Jan./Apr. 1991.

HAN, Byung-Chul (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes: Petrópolis.

HEISENBERG, Werner (1998). *Philosophie: le manuscrit de 1942*. Seuil: Paris.

HELAYËL-NETO, José Abdalla. Supersimetria e interações fundamentais. *in* Revista online A Física na Escola, Vol. 6 n° 1 - Maio, pp. 45-48, 2005. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol6/Num1/>

HELAYËL-NETO, José Abdalla. Simetria, Ciências Naturais e a unificação do conhecimento. *in* Cursos pré-vestibulares comunitários: Espaços de mediações pedagógicas. pp. 128-130. Orgs, José Carmelo Braz de Carvalho; Hélcio Alvim Filho; Renato Pontes Costa. Editora PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook_pre-vestibulares.pdf

HELAYËL-NETO, José Abdalla. Conhecimento, significado e contexto. *in* Intervezes: trabalho, saúde, cultura. Petrópolis, V. 2, Nº 2, pp. 45-50, 2017. Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Medicina de Petrópolis/FASE: Petrópolis.

HELAYËL-NETO, José Abdalla; OSPEDAL, L.P.R. Interações fundamentais e cosmologias modernas: uma relação de sínopes e contratempos. *in* Revista eletrônica de cosmologia e cultura: COSMOS & CONTEXTO, Jan/2019. Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/interacoes-fundamentais-e-cosmologias-modernas-uma-relacao-de-sinopes-e-contratempos/>

HESSE, Hermann. SIDDHARTHA. Editora Record: Rio de Janeiro, 1922.

HOBBS, Thomas (1973). *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Abril Cultural: São Paulo.

HOUAISS, Antônio (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUXLEY, Aldous (1979). *Admirável mundo novo*. Editora Globo: Porto Alegre.

IKEDA, Daisaku (1976). *O buda vivo: uma interpretação biográfica*. Editora Record: Rio de Janeiro.

IKEDA, Daisaku; SAITO, Katsuji; ENDO, Takanori; SUDA, Haruo (2004). *A sabedoria do Sutra de Lótus Volume 1: uma discussão sobre a religião no século XXI*. Editora Brasil Seikyo: São Paulo.

IKEDA, Daisaku; ESQUIVEL, Adolfo Pérez (2008). Dialogue: message for the age of Human Rights -What does the Third Millennium require? (2) (Womens's responsibilities). *in* The Journal of Oriental Studies, Special Series, V. 18. The Institute of Oriental Philosophy: London.

IKEDA, Daisaku (2010). *Vida: um enigma, uma joia preciosa*. Editora Brasil Seikyo: São Paulo.

IKEDA, Daisaku (2017). *Educação Soka: por uma revolução na educação embasada na dignidade da vida*. Editora Brasil Seikyo: São Paulo.

IKEDA, Daisaku (2018a). *Rumo à era dos direitos humanos: construindo um movimento popular. Proposta de Paz endereçada anualmente à ONU pela Soka Gakkai internacional*. http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2018.pdf.

IKEDA, Daisaku (2018b). *Diálogo sobre religião humanística. Volume 1*. Editora Brasil Seikyo: São Paulo.

JASPERS, Karl. *Way to Wisdom, an introduction to philosophy*. Yale University Press: New Haven, 1951.

KRAGH, Helge. *Dirac: a scientific biography*. New York: Cambridge University Press, 1990.

LA BOÉTIE, Étienne de (2006). *Discurso sobre a servidão voluntária*. Versão para eBookLibris e BooksBrasil. Fonte digital disponível em:

http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao_voluntaria.pdf. Acesso em: 14/12/2018.

LAGOA, Beatriz Rocha. Mira schendel: um olhar sobre a vacuidade. *Arte & Ensaios - revista do ppgav/eba/ufrrj*, n. 29. P. 97-107. 2015.

LENOIR, Frédéric (2012). Sócrates, Jesus, Buda: os três mestres da vida. Editora Objetiva: Rio de Janeiro.

LIMA, Jean Carlos Ribeiro de; XAVIER, Glauber Lopes. A questão da ideologia em Karl Marx e Louis Althusser. *Revista Espacios* Vol. 38 (Nº 23) Año 2017. Pág. 10, 2016.

MAGALHÃES, Helena de Brito (2013). Uma médium chamada Fânica: o caminho para a ascensão. Edição do Autor: Rio de Janeiro.

MAKIGUTI, Tsunesaburo. Educação para uma vida criativa. Record: Rio de Janeiro, 1994.

MANNHEIM, Karl (1976). Ideologia e utopia: introdução à sociologia do conhecimento. Editora Zahar: Rio de Janeiro.

MARINS, Imaculada Conceição Manhães (2008). Um olhar sobre o perspectivismo de Nietzsche e o pensamento trágico. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, Vol.1, Nº 2. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. pp.124-141.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MARX, Karl. Sobre a questão judaica. Editora Achiamé: Rio de Janeiro, 1843.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Boitempo: São Paulo, 2013.

MENDONÇA, Durval Araújo de (2015). Os *Principia* de Newton: uma leitura de seus conceitos e princípios fundamentais. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Física da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu-FECLI. Universidade Estadual do Ceará: Iguatu.

MERLEAU-PONTY, Maurice (Orgs) (1969). A ideia do cinema. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. Martins Fontes: São Paulo, 1991.

MISSE, Michel (2017). Apresentação. *in* Ouriques, Evandro Vieira. Teoria Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura. Volumen I da Colección Teoría Psicopolítica, uma co-edición da Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidade do Porto e Universidade de Groningen: Chile, Brasil, Argentina, Portugal e Holanda.

MORAES, Maria Cândida. Da ontologia e epistemologia complexa à metodologia transdisciplinar. TERCEIRO INCLUÍDO ISSN 2237-079X NUPEAT–IESA–UFG, v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 1-19, Artigo 79. Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade.

- MORIN, Edgar (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro.
- MURDIN, Paul; MURDIN, Lesley (2011). *Supernovae*. Cambridge University Press: Cambridge.
- MUSASHI, Miyamoto (2012). *Gorin no sho: o livro dos cinco elementos*. Hunter Books: São Paulo.
- MUSITU, G. & Buelga, S. (2004). *Desarrollo comunitario y potenciación*. in Musitu, G.; Herrero, J.; Cantera, L.; y Montenegro, M. (Eds.). *Introducción a la Psicología Comunitaria*. UOC: Barcelona. pp. 167-195.
- NICOLESCU, Basarab (2008). *The idea of levels of reality*. in Weislogel, Eric (Ed.) (2008). *Transdisciplinarity in science and religion*. pp. 11-26. Curtea Veche Publishing House Bucharest: Romania.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (2007). *Humano, demasiado humano*. Companhia de Bolso: São Paulo.
- NODARI, Paulo César (2011). *Hobbes e a paz*. in Griot - Revista de Filosofia, V. 4, Nº 2. Universidade Federal do Recôncavo Baiano: Bahia. pp. 105-126.
- OBELLEIRO, Gonzalo (2013). *Cosmopolitan Dialogue in an Interconnected, Ever-changing World*. in Urbain, Olivier (orgs.). *Daisaku Ikeda and dialogue for peace*. I.B. Tauris in Association with Toda Institute for Global Peace and Policy Research: Great Britain.
- OLIVEIRA, Gisele Pereira de. *As Faces da Devī A mulher na Índia antiga em sacrifício, ritos de passagem e ordem social na literatura sânscrita*. Dissertação em História Social. Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: 2010.
- OURIQUES, Evandro Vieira (1992). *Vida, geometria e sociedade: aberturas para a crise contemporânea de percepção a partir de conexões entre a mutação de paradigmas e o diálogo verbo-imagem nas páginas de jornal*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares d’Amaral.
- OURIQUES, Evandro Vieira (2001). *A unidade do humano e do ser: um novo modelo de comunicação e cultura com base nas tradições espirituais e da ciência contemporânea*. Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura/Escola de Comunicação-UFRJ. Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz.
- OURIQUES, Evandro Vieira (Ed.). (2002). *Diálogo entre as Civilizações: a experiência brasileira*. Escritório de Informação das Nações Unidas no Brasil e UNESCO. Apoio Associação Palas Athena, Viva Rio, Movimento Inter-Religioso do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Religião e Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Psicopolítica e Consciência-NETCCON/ECO/UFRJ. Rio de Janeiro: Brasil.

OURIQUES, Evandro Vieira (2006). Comunicação, educação e cidadania: quando diversidade e vinculação social são apenas um. *in* Saúde e Educação para a Cidadania-Revista da Decania do Centro de Ciências da Saúde/UFRJ, Ano 1, Nº 02. UFRJ: Brasil. pp. 33-36.

OURIQUES, Evandro Vieira (2007). Desobediência civil mental: a ação política quando o mundo é construção mental. *in* Anais 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Goiânia: Brasil.

OURIQUES, Evandro Vieira (2008a). Gestão da Mente Sustentável, o *Extended Bottom Line*: o desenvolvimento socioambiental como questão da consciência e da comunicação. *in* Rosini, Alessandro; Hoyos, Arnoldo; Silva, José Ultemar da & Rodrigues, Mônica. Editora Campus-Elsevier: São Paulo. pp. 205-226.

OURIQUES, Evandro Vieira. (2008b). A mídia só é livre quando a mente é livre. Entrevista ao I Fórum de Mídia Livre. [http:// forumdemidialivre.blogspot.com.br/2008/06/mdia-s-livre-quando-mente-livre.html](http://forumdemidialivre.blogspot.com.br/2008/06/mdia-s-livre-quando-mente-livre.html)

OURIQUES, Evandro Vieira. (2009a). Território mental: o nó górdio da democracia. *in* Revista Democracia Viva, IBASE. No 49, maio de 2009. IBASE: Brasil.

OURIQUES, Evandro Vieira (2009b). Política, espiritualidade e dádiva: a urgência de refazer o pensamento e a ação social. *in* Revista Comunicações do ISER, Edição Especial MIR: Memória, ações e perspectivas do Movimento Inter-religioso do Rio de Janeiro. Nº 63, 2009. Instituto de Estudos da Religião: Brasil. pp. 144-160.

OURIQUES, Evandro Vieira (2011). The management of the Sustainable Mind for a new generation of psycho-social changemakers. *in* Windeløv-Lidzélius, Christer & Bauning, Kirstine Marie. The KaosPilots 20/20. The KaosPilots in cooperation with Turbine Scandinavian Publishing: Aarhus, Denmark.

OURIQUES, Evandro Vieira (2012a). Psicopolítica e emancipação intercultural: a questão Galiza, Brasil e Lusofonia. *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, Vol. 5: 43-67. Santiago de Compostela: Galiza.

OURIQUES, Evandro Vieira (2012b). Psychopolitics and Mind Management: the way for responsible decision-making in a multiactor, multilevel and territorial approach. *in* Ashley, Patricia & Crowter, David (ed.). Territory of Social Responsibility: Opening the Research and Policy Agenda. A report of the International Policy and Research Group on Territories of Social Responsibility, The Gateway Leicester Business School, de la University of Monfort Leicester, UK, y la Universidade Federal Fluminense, Brasil. Gower Publications, United Kingdom.

OURIQUES, Evandro Vieira (2012c). Psicopolítica, tradição e cultura como um modo da natureza: um estudo comparativo entre Gandhi e a comunicação distribuída. in *Revista Numen* Vol. 14, Nº 2, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. UFJF: Juiz de Fora, Brasil.

OURIQUES, Evandro Vieira (2013). Auto-reflexão, valor e fato: o silêncio epistêmico que emancipa Ciência, Cultura, Tecnologia e Arte. in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, Vol. 6: 117-126. Academia Galega da Língua Portuguesa: Galiza.

OURIQUES, Evandro Vieira (2014). Sobre la economía psicopolítica. in *Oficios Terrestres*, Nº 31, Julio/Diciembre 2014 [Informe Especial Modos de Pensar Latinoamericanos]. Universidad Nacional de La Plata, Argentina. pp. 30-48.

OURIQUES, Evandro Vieira (2015). A teoria da gestão e a emancipação psicopolítica do sujeito do auto-controle contínuo e dos balanços anuais. in *Ágora de Heterodoxias*. Revista da Decanato de Ciencias Económicas y Empresariales. Julio 2015. Universidad Centro Occidental Lisandro Alvarado: Barquisimeto, Venezuela.

OURIQUES, Evandro Vieira (2016a). A emancipação psicopolítica frente ao trauma epistêmico e à teoria da comunicação. in Maldonado, Claudio (Ed.) (2016). *Diálogo de saberes: giro decolonial y comunicología latinoamericana*. Edición Monográfica de Chasqui, Revista Latino americana de Comunicación, No131. Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina-CIESPAL: Ecuador.

OURIQUES, Evandro Vieira (2016b). Informação, comunicação e psicopolítica: sobre a estratégia do conhecimento e compreensão quase totais e absolutos do *self*, do interlocutor e do ambiente. in Gustavo H. de Araújo; Assis, Juliana de & Barbosa, Maria de Fátima (orgs.). *Informação e gestão: teoria e prática*. UFRJ e eBooks: Rio de Janeiro.

OURIQUES, Evandro Vieira (2017a). A Teoria Psicopolítica como renovação da teoria social e da filosofia. in Del Valle, Carlos & Echeto, Víctor Silva (Eds.). *Crisis, comunicación y crítica política*. Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina-CIESPAL: Ecuador.

OURIQUES, Evandro Vieira (2017b). Teoria Psicopolítica: a emancipação dos aparelhos psicopolíticos da cultura. Volumen I da Colección Teoría Psicopolítica, uma co-edición da Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidade do Porto e Universidade de Groningen: Chile, Brasil, Argentina, Portugal e Holanda.

PANÃO, Miguel Oliveira. A ideia de níveis de realidade para com as noções de pessoa e não-redução (de Basarab Nicolescu). Revista eletrônica *Por um diálogo entre ciência e religião*.

2009. Blog disponível em: http://cienciareligiao.blogspot.com/2009/02/idea-de-niveis-de-realidade-para-com-as_15.html.

PASSOS E; KASTRUP V; ESCÓSSIA L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Editora Sulina: Porto Alegre, 2010.

PECCEI, Aurelio; IKEDA, Daisaku (1984). Antes que seja tarde demais. Record: Rio de Janeiro.

POLI, Camilin Marcie de (2012). Da liberdade à servidão: uma análise a partir de La Boétie. *in* VI Encontro Treze Luas, Núcleo de Direito e Psicanálise e Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR. UFPR: Paraná.

POULAIN, Jacques (2017). Sobre la capacidad de juzgar. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen II. Co-edición Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidade do Porto, Groningen University: Chile, Brasil, Argentina, Portugal e Holanda.

RAPPAPORT, Julian (1984). Studies in empowerment: introduction to the issue. *in* Prevention in human services, Nº 3. pp. 1-7. Haworth Press, Inc.: United Kingdom.

PARASKEVA, J. Conflicts in curriculum theory: challenging hegemonic epistemologies. Palgrave/MacMillan: New York, 2011.

REDYSON, Deyve. Schopenhauer e o pensamento oriental entre o hinduísmo e o budismo. Universidade Federal da Paraíba, *Religare* 7 (1), 3-16, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/9762/5342>.

RIBEIRO, Rita de Cássia. Vida, conhecimento, experiência: a reforma do sujeito em Tsunessaburo Makiguchi. 2006. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro 2002: 237-280. Editora Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Online, 2002. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1285>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A construção multicultural da igualdade e da diferença. *Oficina do CES*, nº 135. Universidade de Coimbra. Coimbra, 1999. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf> SIL

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra do desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, B. S. (Org.) Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, B.D.S., & Meneses, M.P. (2010). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O que são os Iluminismos? *Jornal de Letras* n.1244 – Sociedade Breve, Universidade de Coimbra. Portugal, junho/2018. Disponível em: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/homepage-posts/boaventura-de-sousa-santos-o-que-sao-os-iluminismos-jornal-de-letras-1244/?lang=pt>.

SHARMA, Namrata (2018). *Value-creating global citizenship education: engaging Gandhi, Makiguchi, and Ikeda as examples*. Springer: London.

SCIUTO, Bruno. *Filosofia budista, arte, educação e valor: a experiência do núcleo de arte/educação do programa “ação educativa Makiguti”*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Artes do Câmpus São Paulo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, 2012.

SILVA, Monique Bezerra da. *A produção cultural e a educação soka: a cultura de criação de valores humanos*. Monografia apresentada ao curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel. 2011.

Síntese do Budismo. Editora Brasil Seikyo: São Paulo, 2003.

SOLINO, Nazareth (2010). *Borboletas... e outros bichos*. Publit: Rio de Janeiro.

URBAIN, Olivier (2010). *Daisaku Ikeda's philosophy of peace: dialogue, transformation and global citizen*. I.B. Tauris in Association with Toda Institute for Global Peace and Policy Research: Great Britain.

VIEIRA, Oscar Vilhena. *Para conhecer os direitos humanos*. *Revista USP*, São Paulo, n.51, p. 210-217, setembro/novembro 2001.

WELZEL, Edgar. *Hermann Hesse: o guru dos hippies*. *Revista Bula*, 2019. Disponível em: <https://www.revistabula.com/4688-hermann-hesse-o-guru-dos-hippies/>.

WICKRAMASINGHE, Chandra; IKEDA, Daisaku. *Espaço e vida eterna: um diálogo entre Chandra Wickramasinghe e Daisaku Ikeda*. Editora Brasil Seikyo e Eduel-Editora da Universidade Estadual de Londrina: São Paulo, 2010.